

Junho 2025

MESTRADO EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Perceções e práticas do Ensino da História no 1.º Ciclo do Ensino Básico

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

ELISA MARIA NOGUEIRA ALMEIDA

ORIENTAÇÃO

Doutora Isilda Maria dos Santos Braga da Costa Monteiro



PAULA
FRASSINETTI

Agradecimentos

À minha professora e orientadora, Isilda Monteiro, pelo apoio, sabedoria e disponibilidade demonstrados desde o início. Obrigada por toda a dedicação, mas principalmente pela serenidade que transmitiu durante todo o processo, o que me manteve motivada a continuar.

Aos meus pais, pelo investimento na minha educação e, sobretudo, pelos sacrifícios feitos para que eu pudesse estudar sem preocupações. Obrigada por nunca desistirem de mim, por me darem liberdade para seguir o que gosto e por apoiarem as minhas escolhas.

Aos meus irmãos, Hugo e Manuel, por me incentivarem a embarcar nesta jornada, logo após ter regressado a casa da defesa da PAP em plena pandemia. Obrigada por não me deixarem desistir e por me apoiarem a cada passo.

À minha prima Vera, por estar presente desde o primeiro dia com um apoio incansável. Obrigada pelas dicas de como "sobreviver" à faculdade, pela ajuda sempre que precisei e, claro, por aquela tarde em que fomos à procura da faculdade juntas e perceber os requisitos para ingressar.

À minha madrinha Sandra, por ser meu porto seguro e conselheira. Obrigada por todas as chamadas de atenção e palavras de incentivo ao longo deste percurso e por seres um exemplo como profissional. Não existem palavras que expressem plenamente a minha gratidão por te ter como madrinha.

À Catarina, minha madri, que me guiou nesta caminhada desde o primeiro momento em que nos conhecemos, mesmo antes de me aceitar como afilhada, e que neste último ano se juntou a mim para terminar com chave de ouro. Obrigada pela tua amizade, conselhos e apoio, não poderia ter escolhido melhor madrinha para esta jornada.

À Sofia, minha titia, por todos os momentos partilhados ao longo destes cinco anos. Por me acolheres em tua casa durante as noites de trabalho intenso, acompanhadas por uma Monster. Obrigada por estares sempre ao meu lado, pela tua amizade e por confirmarmos, como dizemos desde a licenciatura: "equipa que ganha não se mexe".

Aos meus amigos, próximos e distantes, obrigada pelo apoio constante ao longo destes cinco anos.

À minha tia Zeza, por estar presente desde o primeiro momento e por ser alguém em quem sempre pude confiar para tudo.

À turma P4, por serem a melhor turma que podia desejar. Por todos os momentos vividos nestes dois últimos anos e por serem um dos motivos de alegria e motivação durante o mestrado.

Resumo

Este relatório de investigação, intitulado "Ensinar e aprender História no 1.º Ciclo do Ensino Básico – práticas e perceções", apresenta um estudo realizado no âmbito do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico. O trabalho teve como objetivo analisar as práticas e perceções dos professores e alunos relativamente ao ensino e aprendizagem da História no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

A metodologia adotada incluiu inquéritos por questionário aplicados a 12 professores do 1.º CEB e a 34 alunos do 5.º ano do 2º CEB, complementados por observações em sala de aula. Os resultados revelaram que os professores do 1º CEB valorizam a abordagem da História local e nacional, utilizando metodologias ativas e recursos diversificados, como vídeos, visitas de estudo e mapas. No entanto, a falta de tempo e a sobrecarga curricular foram identificadas como os principais desafios. Por sua vez, os alunos no início do 5º ano do 2º CEB, a partir das suas experiências no 1º CEB, demonstraram interesse pelos conteúdos históricos e referiram a curiosidade pelo passado e a preferência, na abordagem desses conteúdos, por explicações claras e recursos visuais. As dificuldades registadas foram a memorização de datas e a compreensão de terminologia específica.

Conclui-se que, apesar das limitações, os professores do 1º CEB o ensino da História desempenha um papel crucial na formação da identidade e no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Recomenda-se a continuidade de práticas pedagógicas inovadoras e a adaptação dos recursos às necessidades dos alunos, de modo a facilitar a transição para o 2.º CEB.

Palavras-chave:

Educação Histórica, 1.º Ciclo do Ensino Básico, Metodologias Ativas, Perceções dos Alunos.

Abstract

This research report, entitled "Perceptions and Practices in the Teaching of History in the 1st Cycle of Basic Education", presents a study conducted as part of the Master's Degree in Teaching the 1st Cycle of Basic Education and Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Basic Education. The aim of this work was to analyze the perceptions and practices of teachers and students regarding the teaching of History in the 1st Cycle, as well as its influence on the transition to the 2nd Cycle.

The methodology adopted included questionnaire surveys administered to 12 1st Cycle teachers and 34 5th-grade students, complemented by classroom observations. The results showed that teachers value the teaching of local and national history, using active methodologies and diverse resources such as videos, field trips, and maps. However, lack of time and curricular overload were identified as the main challenges. Students, in turn, showed interest in historical content, with a particular curiosity about the past and a preference for clear explanations and visual resources. The most frequently mentioned difficulties were memorizing dates and understanding specific terminology.

It is concluded that, despite the limitations, the teaching of History in the 1st Cycle of Basic Education plays a crucial role in identity formation and the development of students' critical thinking. The continuation of innovative pedagogical practices and the adaptation of resources to students' needs are recommended in order to facilitate the transition to the 2nd Cycle of Basic Education.

Keywords:

History Teaching, 1st Cycle of Basic Education, Active Methodologies, Student Perceptions.

Índice

Introdução.....	7
I- Enquadramento teórico	9
1. Educação Histórica	9
2. A História no Ensino Básico.....	12
2.1 Organização e conteúdos	12
2.2. O processo de ensino e aprendizagem – constrangimentos e potencialidades	18
II - Enquadramento metodológico	20
1. Objetivos da investigação e procedimentos metodológicos.....	20
2. Caracterização da amostra	22
2.1. 1.º CEB.....	22
2.2. 2.º CEB.....	22
3. Instrumentos de recolha de informação – Inquéritos por questionário.....	23
3.1) Inquéritos aos professores do 1.º CEB	23
3.2) Inquéritos aos alunos do 2.º CEB.....	27
III Apresentação e análise dos dados.....	31
1. Análise dos resultados	31
1.1) 1.º Ciclo – inquéritos aos professores.....	31
1.2) 2.º CEB – inquéritos aos alunos	38
2. Discussão de resultados	48
Considerações finais.....	53
Referência bibliográficas	55
Apêndices.....	57

Índice de Tabelas

Tabela 1 – A utilidade de trabalhar conteúdos de História no 1.º CEB	37
Tabela 2 – Razões apontadas pelos alunos para terem / não terem gostado de aprender História no 1º CEB.....	46

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – O tipo de História abordada no 1.º CEB.....	31
Gráfico 2 – Razões apontadas para não abordar a História no 1º CEB	32
Gráfico 3 – As metodologias mais adequadas para o ensino da História no 1.º CEB.....	33
Gráfico 4 – Utilização de outros recursos didáticos além do manual no 1.º CEB	34
Gráfico 5 – Identificação dos recursos utilizados além do manual no 1.º CEB	35
Gráfico 6 – Os desafios na abordagem da História no 1.º CEB.....	36
Gráfico 7 – A abordagem considerada mais adequada pelos professores no ensino da História no 1.º CEB	37
Gráfico 8 – O que significa a História para os alunos	39
Gráfico 9 – Os alunos estudaram História no 1.º CEB	40
Gráfico 10 – Como se sentiram os alunos ao estudar História no 1º CEB.....	41
Gráfico 11 – O que recordam os alunos da História que aprenderam no 1º CEB	42
Gráfico 12 – Quais os recursos/estratégias que os alunos consideram mais relevantes na sua aprendizagem da História no 1º CEB	43
Gráfico 13 – Quais foram as dificuldades sentidas pelos alunos na aprendizagem da História no 1.º CEB	45

Índice de Figuras

Figura 1 – Inquérito por questionário a distribuir aos professores do 1.º CEB.....	26
Figura 2 – Inquérito por questionário a distribuir aos alunos do 5.º ano do 2º CEB	30

Lista de abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

PES – Prática de Ensino Supervisionado

AE – Aprendizagens Essenciais

Introdução

A História assume um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes, críticos e conhecedores da sua identidade individual e coletiva. Desde os primeiros anos de escolaridade, é essencial proporcionar aos alunos oportunidades de contacto com o conhecimento histórico, estimulando a curiosidade pelo passado e a compreensão dos processos que moldaram a sociedade atual. No 1.º CEB, a abordagem da História encontra-se integrada no Estudo do Meio, área curricular que visa “desenvolver um conjunto de competências de diferentes áreas do saber, nomeadamente Biologia, Física, Geografia, Geologia, História, Química e Tecnologia” (DGE, 2018a, p. 1) atribuindo-se-lhe, contudo, uma carga horária semanal significativamente menor do que a consignada à Língua Portuguesa e Matemática, o que pode comprometer a valorização e o aprofundamento dos conteúdos abordados.

O presente relatório de investigação, desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, tem como principal objetivo analisar as perceções e práticas dos professores do 1.º CEB relativamente ao ensino da História, bem como, a partir da experiência de aprendizagem no 1º CEB, compreender as perceções construídas sobre a História pelos alunos do 5.º ano do 2º CEB. Através da auscultação de ambos os grupos, professores e alunos, pretende-se perceber de que modo a abordagem da História no 1.º CEB pode influenciar o interesse e a motivação dos alunos na disciplina de História e Geografia de Portugal no 2.º CEB.

O relatório está organizado em três partes principais. Na primeira, apresenta-se o enquadramento teórico, abordando os conceitos fundamentais da educação histórica, a organização curricular da História no 1.º e 2.º CEB, bem como os constrangimentos e potencialidades do seu ensino. Na segunda parte, descreve-se o enquadramento metodológico do estudo, com a explicitação dos objetivos, dos participantes, dos instrumentos utilizados e dos procedimentos de recolha de dados. Por fim, a terceira parte dedica-se à apresentação, análise e interpretação dos resultados obtidos, culminando nas considerações finais e em sugestões para a prática pedagógica.

A pergunta central que orientou esta investigação foi: "Que História se ensina no 1.º CEB?", desdobrando-se em questões mais específicas: Qual a relevância dada pelos professores do 1.º CEB à abordagem da História na sua prática docente? De que forma os conteúdos da História são trabalhados pelos professores do 1.º CEB? Quais são as percepções dos alunos do 5.º ano de escolaridade sobre a forma como abordaram a História no 1.º CEB? Como é que essa abordagem pode influenciar a perspetiva/relação com a disciplina de História e Geografia de Portugal no 5.º ano?

Para responder a estas questões, o estudo seguiu uma metodologia quantitativa, baseada na aplicação de questionários a 12 professores do 1.º CEB e 34 alunos do 5.º ano. Esta recolha de dados foi complementada com observação em sala de aula, permitindo uma triangulação entre as percepções dos professores, as experiências dos alunos e as práticas efetivamente implementadas.

A realização deste estudo justifica-se pela necessidade de refletir sobre o espaço que a História ocupa no 1.º CEB, dentro do Estudo do Meio, e sobre as práticas pedagógicas utilizadas nos anos iniciais. Ao compreender melhor as percepções de alunos e professores, será possível delinear estratégias mais eficazes para promover aprendizagens significativas e duradouras, reforçando a articulação entre ciclos de ensino.

I- Enquadramento teórico

1. Educação Histórica

A Educação Histórica centra-se no estudo e aplicação de abordagens pedagógicas que visam promover a compreensão e a reflexão sobre o passado. Nessa perspetiva, a Educação Histórica é um processo ativo e reflexivo que veio dar ênfase à preocupação de ensinar a pensar historicamente (BARCA, 2021, p. 59). “O campo do pensamento histórico que se constrói na disciplina da História como ciência empírica envolve o conhecimento de um certo passado (porque é humanamente impossível conhecer todo o passado) que nos proporcione uma ideia fundamentada sobre a vida dos seres humanos em vários tempos e espaços” (BARCA, 2021, p. 60).

Segundo Oliveira (2017), a Educação Histórica deve promover o desenvolvimento da consciência histórica, que é a capacidade de compreender o passado e sua relação com o presente. Para isso, a Educação Histórica deve abordar a História de forma crítica e contextualizada, levando em consideração diferentes perspetivas e interpretações.

Outra explicação teórica sobre a Educação Histórica é a de que ela é um processo de construção da identidade. Nessa perspetiva, a Educação Histórica ajuda os alunos a compreenderem seu lugar no mundo e a desenvolverem uma visão crítica da sociedade. Nesta perspetiva, a Educação Histórica deve promover a formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de participar ativamente da sociedade. Para isso, a Educação Histórica deve abordar temas relevantes para a formação da cidadania, como direitos humanos, democracia e justiça social (Carneiro, 2012, p. 11).

O pensamento, o conhecimento e a consciência histórica são conceitos fundamentais na Educação Histórica. A consciência histórica, segundo Rüsen (2004), é uma maneira de pensar sobre o passado que nos ajuda a compreender o presente e dar sentido ao futuro. Implica examinar as experiências das pessoas que nos antecederam e compreender como essas experiências moldaram o mundo em que vivemos hoje, de uma maneira resumida apresenta duas funções essenciais: orientação temporal na vida e identidade histórica. Ao compreender o passado, podemos melhor compreender a nós mesmos e o nosso lugar no mundo.

Jörn Rüsen refere que “a consciência histórica realiza esta função feral de quarto maneiras diferentes com base em quatro princípios diferentes para a orientação temporal da vida: (a) afirmação de orientações dadas, (b) regularidade de padrões culturais e padrões de vida (Lebensformen), (c) negação e (d) transformação de padrões de orientação tópica” (Rüsen, 2004, p. 71). O autor resume as tipologias de quatro tipo de consciência histórica: tipo tradicional, exemplar, crítico e ontogenético (Rüsen, 2004, p. 71-78).

O pensamento histórico é mais do que aprender factos e histórias sobre o passado. É também aprender sobre a natureza e o estatuto do conhecimento histórico. Os alunos devem aprender a reconhecer que existem diferentes versões do passado, e que algumas versões são mais válidas do que outras.

Para desenvolver o pensamento histórico, os alunos precisam ser expostos a diferentes perspectivas sobre o passado e ser encorajados a pensar criticamente sobre essas perspectivas.

Os professores de História têm um papel importante a desempenhar no desenvolvimento do pensamento histórico nos alunos. Eles devem ajudar os alunos a compreender que a História não é uma questão de opinião, mas sim uma construção baseada em evidências – as fontes históricas. Para isso, os professores devem:

- Ensinar aos alunos sobre diferentes métodos de pesquisa histórica;
- Encorajar os alunos a questionar as fontes históricas;
- Propor aos alunos atividades que os levem a pensar criticamente sobre diferentes interpretações históricas;
- Discutir com os alunos as diferentes perspectivas sobre o passado.

O conhecimento histórico permite a compreensão do passado. Essa compreensão pode ser utilizada para diferentes fins, como a análise de relações causa e efeito, a obtenção de lições morais, a construção de identidade ou o simples entretenimento. É construído a partir de diferentes fontes, como documentos, relatos orais, objetos e imagens. Essas fontes podem ser analisadas criticamente para identificar os seus propósitos e a sua fiabilidade (Barton, 2024, páginas não numeradas)

O pensamento histórico e o conhecimento histórico são dois conceitos complementares que são essenciais para uma compreensão mais profunda do passado. O pensamento histórico é importante para a construção do conhecimento histórico, pois permite avaliar criticamente as fontes históricas e formular interpretações do passado. Já o conhecimento histórico, por sua vez, é importante para o pensamento histórico, pois fornece as informações de que necessitamos para compreender, interpretar e analisar o passado.

Para Barca e Schmidt (2009), a Educação Histórica é importante porque contribui para a formação de cidadãos conscientes e críticos. Através do estudo da História, os alunos aprendem a pensar criticamente o passado, o presente e o futuro. Desenvolvem a capacidade de analisar diferentes fontes históricas, identificar diferentes perspectivas e construir as suas próprias interpretações do passado.

Esta perspectiva teórica é importante porque destaca o papel da Educação Histórica na formação de uma sociedade democrática. Cidadãos conscientes e críticos são capazes de participar ativamente da vida política e social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Outra explicação teórica importante é a de que a Educação Histórica contribui para o desenvolvimento da identidade individual e coletiva. Através do estudo da História, os alunos apreendem a cultura e os valores da comunidade a que pertencem, o que os ajuda a construir uma identidade própria.

Esta identidade é importante para o desenvolvimento da autoestima e do sentimento de pertença. Os alunos que se sentem integrados na sua cultura e na sua comunidade são mais propensos a envolver-se na vida social e política.

Epistemologia é o ramo da filosofia que estuda as condições de possibilidade, a natureza, os métodos e a validade do conhecimento científico. É a disciplina que investiga como o conhecimento científico é adquirido e justificado. No ramo da História, o ser humano sempre teve uma necessidade de compreender seu lugar no mundo, e o conhecimento do passado é uma parte importante dessa compreensão. Segundo Barca (2021), a História, enquanto ciência, tem como objetivo responder à necessidade humana de compreender o passado. Essa compreensão é importante para que possamos nos conhecer melhor como indivíduos e como sociedade, e para que possamos tomar decisões informadas sobre o futuro.

Barca (2021) ainda refere que na educação em História, defende-se o princípio da aprendizagem situada assente no pressuposto epistémico do realismo crítico. Este pressuposto aceita a possibilidade de se conceptualizar algo sobre a realidade passada a partir da interpretação das evidências históricas existentes no presente. Isto inspira modos de atuação para aprendizagem em situações não formais como visitas a museus e a património cultural.

Em várias pesquisas empíricas os desafios colocados aos sujeitos participantes, por meio de questionamento epistemologicamente consistente e com apoio de materiais históricos cuidadosamente selecionados, podem ser utilizados em ambiente de aula. Isto requer, no entanto, uma adaptação a cada contexto em concreto, nomeadamente quanto ao conteúdo que deve ser trabalhado de acordo com o «programa» (Barca, 2021, p. 61).

A autora refere-se, assim, à possibilidade de utilizar, em ambiente de aula de História, desafios colocados aos alunos por meio de questionamento epistemologicamente consistente e com apoio de materiais históricos cuidadosamente selecionados. Esta abordagem é apoiada por várias pesquisas empíricas, que têm demonstrado que os alunos aprendem mais eficazmente quando são desafiados a pensar criticamente sobre o passado. Porém, esta abordagem requer uma adaptação a cada contexto em concreto, nomeadamente quanto ao conteúdo que deve ser trabalhado de acordo com o programa. Isto significa que o professor deve ter em consideração o nível de conhecimento e compreensão dos alunos, bem como os objetivos da aula ou unidade curricular.

2. A História no Ensino Básico

2.1 Organização e conteúdos

Segundo Josué Neira (2013), o ensino da História deve contemplar a aprendizagem através de uma História formativa. A intenção é despertar a curiosidade dos alunos para o

conhecimento histórico, favorecer o desenvolvimento de competências, valores e atitudes que se manifestam na sua vida em sociedade. Ressalta, ainda,

La forma como se ha construido el sentido de la historia formativa nos remite a una valoración sobre lo que el conocimiento histórico ofrece a los alumnos, al poder analizar las sociedades del pasado y adquirir elementos para comprender el presente (Neira, 2013, p. 9).

No 1.º CEB, a História está integrada na área curricular Estudo do Meio, que integra também outras áreas do saber, nomeadamente Biologia, Física, Geografia, Geologia, Química e Tecnologia. No 2.º CEB, a História constitui, juntamente com a Geografia, uma disciplina independente, com o nome de História e Geografia de Portugal. A separação entre História e Geografia só acontece a partir do 3.º CEB. Neste relatório de investigação, focar-nos-emos no 1.º e no 2.º CEB, a partir da análise dos documentos orientadores – *Aprendizagens Essenciais do Estudo do Meio* (1.º CEB) e *Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal* (2.º CEB).

No 1.º CEB, na área curricular do Estudo do Meio, são definidos objetivos e conteúdos que devem ser alcançados no final de cada ano, os objetivos definem o que se espera alcançar no trabalho conjunto entre professor e alunos. Eles expressam os conhecimentos, habilidades e conteúdos que os alunos devem aprender, considerando as exigências metodológicas, o nível de preparação dos alunos, as características das disciplinas e o processo de ensino e aprendizagem. Os conteúdos são os conhecimentos e habilidades organizados que servem de base para o ensino e aprendizagem. Eles estão diretamente relacionados aos objetivos de aprendizagem e são transmitidos e assimilados através de métodos específicos.

Na área curricular de Estudo do Meio, os conteúdos de História constam nas *Aprendizagens Essenciais* (AE) definidas para o 3.º ano, no domínio “sociedade”. Ao analisá-los, verifica-se que se enquadram na abordagem da História local:

- “Relacionar datas e factos importantes para a compreensão da História local (origem da povoação, batalhas, lendas históricas, personagens/personalidades históricas, feriado municipal).”

- “Reconhecer vestígios do passado local: construções; instrumentos antigos e atividades a que estavam ligados; costumes e tradições.”

- “Reconstituir o passado de uma instituição local (escola, autarquia, instituições religiosas, associações, etc.), recorrendo a fontes orais e documentais” (DGE, 2018a, p. 5).

Nas AE do Estudo do Meio do 4.º ano, no mesmo domínio, referem-se conteúdos da História nacional:

- “Construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal, destacando a formação de Portugal, a época da expansão marítima, o período filipino e a Restauração, a implantação da República e o 25 de Abril”.

- “Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da História de Portugal, com recurso a fontes documentais”;

- “Relacionar a Revolução do 25 de Abril de 1974 com a obtenção de liberdades e direitos” (DGE, 2018b, p. 6).

O destaque é dado assim a cinco momentos da História nacional – formação de Portugal, expansão marítima, período filipino e Restauração, a implantação da República e o 25 de Abril de 1974.

Desta forma e tal como se refere na introdução das AE do Estudo do Meio, neste ano de escolaridade, além de se dar continuidade a algumas das temáticas trabalhadas no 3.º ano, “prioriza-se a abordagem de fenómenos naturais, factos e datas relevantes da História de Portugal e elementos relativos à sua Geografia, o património natural e cultural, diferentes tipos de uso do solo, as migrações, contributos da ciência e da tecnologia que concorrem para a qualidade de vida das populações, bem como para a sustentabilidade” (DGE, 2018a, p. 3). Contudo, o foco na realidade nacional, não deve ser feita em detrimento do local, referindo-se no mesmo documento que “A operacionalização das aprendizagens do Estudo do Meio implica a contextualização dos temas a tratar. Para tal, considera-se importante que os professores conheçam os contextos locais, que identifiquem situações a partir das quais possam emergir questões-problema que sirvam de base para as aprendizagens a realizar”(DGE, 2018b, p. 3).

Os documentos orientadores do 1.º CEB sugerem a implementação de ações estratégicas no processo de ensino do Estudo do Meio, com o objetivo de promover o desenvolvimento das AE previstas para essa disciplina. Com base nas AE do 3.º e 4.º anos, podemos destacar algumas estratégias que podem ser utilizadas para trabalhar os conteúdos de História de forma eficaz e envolvente:

- “Análise de documentos, factos, situações, identificando os seus elementos ou dados”; (DGE, 2018a, p. 5).
- “Organização de debates que requeiram a formulação de opiniões”; (DGE, 2018a, p. 6).
- “Análise de factos e situações, identificando os elementos ou dados, em particular numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar” (DGE, 2018a, p. 6).
- “Recolha de dados e opiniões relacionados com as temáticas do estudo” (DGE, 2018b, p. 7).
- “Incentivo à investigação/pesquisa, seleção e tratamento de informação sustentados por critérios, com apoio do professor e autonomia progressiva dos alunos” (DGE, 2018b, p. 8).
- “Aceitação ou refutação de pontos de vista com recurso à argumentação” (DGE, 2018b, p. 8).
- “Apresentação esquemática da informação, com o apoio do professor.” (DGE, 2018a, p. 8).
- “Construção de mapas conceptuais.” (DGE, 2018b, p. 9).

No conjunto estes conteúdos e ações estratégicas dão resposta a grande parte das aprendizagens e competências que os alunos do 1.º CEB deverão adquirir ao longo desse ciclo de estudos:

- Adquirir um conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de autoestima e de autoconfiança;
- Valorizar a sua identidade e raízes, respeitando o território e o seu ordenamento, outros povos e outras culturas, reconhecendo a diversidade como fonte de aprendizagem para todos;
- Identificar elementos naturais, sociais e tecnológicos analógicos e digitais, do meio envolvente e suas inter-relações;

- Identificar acontecimentos relacionados com a história pessoal e familiar, local e nacional, localizando-os no espaço e no tempo, utilizando diferentes representações cartográficas e unidades de referência temporal;
- Reconhecer o contributo da ciência para o progresso tecnológico e para a melhoria da qualidade de vida;
- Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para resolver situações e problemas do quotidiano;
- Assumir atitudes e valores que promovam uma participação cívica de forma responsável, solidária e crítica;
- Utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação no desenvolvimento de pesquisas e na apresentação de trabalhos;
- Comunicar adequadamente as suas ideias, através da utilização de diferentes linguagens (oral, escrita, iconográfica, gráfica, matemática, cartográfica, etc.), fundamentando-as e argumentando face às ideias dos outros (DGE, 2018b, p. 2-3).

No 1.º CEB aplica-se o regime de monodocência e uma carga horária de 25 horas semanais, de acordo com o decreto-lei n.º 55/2018, de 6 de julho, três delas atribuídas ao Estudo do Meio.

No 2.º CEB, a História e Geografia de Portugal constituiu uma disciplina autónoma. Em História, os conteúdos a abordar vão desde os primeiros povos que povoaram a Península Ibérica, até ao século XXI. No 5.º ano, está previsto ser abordado os seguintes conteúdos: os primeiros povos da Península Ibérica, analisando as comunidades recoletoras e agropastoris, os vestígios materiais e conceitos como nómada e sedentário. Exploram depois as influências romana e muçulmana, focando a romanização e seu legado. Segue-se a formação de Portugal, desde o Condado Portucalense até à independência com D. Afonso Henriques, tratados fundamentais e a sociedade portuguesa no século XIII, incluindo feiras, concelhos e comunidade judaica e muçulmana. Aborda-se ainda a crise de 1383-85, a expansão marítima dos séculos XV-XVI (navegações, Infante D. Henrique, D. João II, diversidade cultural, tráfico de escravos e arte manuelina), terminando com a União Ibérica e Restauração de 1640. Todos estes conteúdos são trabalhados de forma integrada, privilegiando fontes históricas,

articulação interdisciplinar e desenvolvimento de competências como pensamento crítico e valorização do património. (DGE, 2018c, p. 5-11)

Já no 6.º ano, está previsto ser abordado os seguintes conteúdos: História de Portugal desde o século XVIII até à atualidade, começa pela análise da importância do Brasil para a economia portuguesa, da sociedade de ordens, do poder de D. João V e das reformas do Marquês de Pombal. Segue-se o estudo das Invasões Francesas, do Liberalismo (1820) e da guerra civil entre liberais e absolutistas. A abordagem continua com a industrialização e suas consequências sociais, a implantação da República (1910) e o regime do Estado Novo, incluindo a Guerra Colonial. Por fim, a Revolução de 25 de Abril de 1974 e o processo de democratização, até à integração europeia e à sociedade multicultural atual. (DGE, 2018d, p. 5-13)

No 2.º CEB o Ministério da Educação atribui à área disciplinar Línguas e Estudos Sociais 525 horas semanais, de acordo com o decreto-lei n.º 55/2018, de 6 de julho. Assim, a carga horária da disciplina é habitualmente de 3 tempos letivos semanais de 45 a 50 minutos embora em algumas escolas seja de dois tempos letivos de 45 a 50 minutos. Contudo, a flexibilidade curricular permite às escolas a reorganização da carga horária e distribuírem os tempos letivos de forma mais ajustada às necessidades dos alunos e aos projetos educativos de cada instituição. Esta autonomia pode favorecer a implementação de metodologias ativas e integradoras, ao permitir a articulação dos conteúdos da disciplina com outras áreas curriculares, promovendo, assim, uma abordagem interdisciplinar e potencialmente mais significativa para os alunos.

Assim, esta mesma flexibilidade pode originar desigualdades entre escolas, nomeadamente no que se refere ao tempo letivo atribuído a cada disciplina. Estas disparidades refletem-se na profundidade e na diversidade dos conteúdos trabalhados, comprometendo a equidade no acesso ao currículo. A limitação a apenas dois ou três tempos letivos semanais, com duração entre 45 e 50 minutos, compromete frequentemente a realização de atividades mais dinâmicas e participativas — como debates, dramatizações ou projetos de investigação —, essenciais para a construção do pensamento histórico.

A curta duração das aulas dificulta a consolidação dos conhecimentos e a aplicação de estratégias pedagógicas diferenciadas. Tal realidade tende a favorecer uma abordagem predominantemente expositiva, centrada na transmissão de informação, em detrimento de práticas que valorizem a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem (Solé, 2021, pp. 23-24).

2.2. O processo de ensino e aprendizagem – constrangimentos e potencialidades

Existem vários aspetos que podem dificultar a compreensão da História por crianças (Neira, 2013, p. 22-24):

- A dificuldade de compreender o tempo histórico. As crianças têm dificuldade de entender o tempo como uma dimensão abstrata, independente das suas experiências pessoais. Por isso, muitas vezes interpretam os eventos históricos como episódios isolados, sem relação entre si;

- A dificuldade de compreender outras culturas e formas de vida. As crianças tendem a ver a sua própria cultura e forma de vida como as únicas possíveis. Por isso, podem ter dificuldade de entender as diferentes formas de vida que existiram no passado;

- A dificuldade de compreender a subjetividade da História. As crianças tendem a acreditar que a História é uma narrativa objetiva, que relata os factos como eles realmente aconteceram. Por isso, podem ter dificuldade de entender que a História é uma construção;

Um dos motivos para que alguns conteúdos não sejam bem explorados é a questão do tempo disponível para lecionar os conteúdos de História. A Associação de Professores de História defende que a reduzida carga horária da disciplina de História e Geografia de Portugal não permite trabalhar os conteúdos numa perspetiva construtivista (Solé, 2021, p. 23).

A falta de tempo para promover as aprendizagens definidas nas AE, é um dos motivos indicados por alguns professores de 1º e 2º CEB, levando-os a optar por estratégias e recursos que lhes permitam de modo mais fácil e rápido, transmitir abundante informação aos alunos (Moreira, 2001, p. 35). O recurso à utilização quase exclusiva do manual ou de um PowerPoint com a apresentação dos conteúdos a lecionar, registo de atividades nos cadernos pelos alunos e comunicação pergunta e resposta, pode tornar as aulas monótonas e rotineiras.

Segundo alguns estudos, o tipo de aula que predomina atualmente é o expositivo aberto ou expositivo dialogante, de acordo com Moreira (2001):

no contexto das aulas nas nossas escolas a exposição do professor alterna com a atividade dos alunos através de documento escritos, iconográficos e audiovisuais, num processo didático que percorre a introdução/apresentação do assunto análise dos documentos e sua questionação (...) elaboração/produção da síntese (Moreira, 2001, p. 35).

Esta metodologia, embora associada habitualmente ao ensino tradicional, centrado no professor, pelas dinâmicas implementadas pode integrar características das metodologias ativas, uma vez que o professor cria condições para a participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

As metodologias ativas incluem o ensino pela descoberta guiada, uma estratégia que orienta a transmissão do saber, mas também a colocação de situações-problema que mobilizem os alunos para a ação do saber histórico. Os debates, a dramatização de episódios históricos, a análise de documentos e, visitas de estudo presenciais e virtuais e podem ser utilizados como estratégia didática da aprendizagem da História. Uma conceção de ensino de História centrada no aluno, que é incentivado a participar ativamente da construção do conhecimento. As estratégias propostas promovem o pensamento histórico, a análise crítica e a compreensão do passado. Estas estratégias promovem um ensino de História ativo e desafiador desenvolvendo o pensamento histórico e crítico nos alunos (Moreira, 2001, p. 35-39)

II- Enquadramento metodológico

1. Objetivos da investigação e procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento da investigação colocou-se como pergunta geral “Que História se ensina no 1.º CEB?”, considerando-se as seguintes perguntas específicas:

Na perspetiva do professor: Qual a relevância dada pelos professores do 1.º CEB à abordagem da História na sua prática docente? De que forma os conteúdos da História são trabalhados pelos professores de 1.º CEB?

Na perspetiva do aluno: Quais são as perceções dos alunos do 5.º ano de escolaridade sobre a forma como abordaram a História no 1.º CEB? Como é que essa abordagem pode influenciar a perspetiva/relação com a disciplina de História e Geografia de Portugal no 5.º ano?

Dando voz aos professores e alunos, principais atores do sistema educativo, o presente estudo procurou compreender de que forma a História é abordada pelos professores do 1.º CEB, ouvindo não só os professores desse ciclo de estudos, como os alunos que o frequentaram e que estão a iniciar o 2.º CEB. Procurar-se-á assim identificar e analisar as perceções dos alunos, ao iniciar o 2.º CEB sobre a abordagem da História realizada no 1.º CEB e de que maneira essas perceções construídas através da sua experiência podem influenciar a sua relação com a disciplina História e Geografia de Portugal que integra o plano curricular do 5.º ano e 6º ano do 2º CEB.

Nesta investigação privilegiou-se a metodologia quantitativa. Segundo Dourado e Ribeiro (2023), os métodos quantitativos são frequentemente utilizados para reduzir incertezas e aprofundar o conhecimento sobre valores, atitudes e comportamentos humanos em diversos contextos sociais. O interesse do investigador, nesta abordagem, passa sobretudo por identificar diferenças entre indivíduos, grupos ou organizações que possam contribuir para explicar padrões observáveis na realidade. Estas análises não são realizadas de forma isolada, mas sim em diálogo com teorias já existentes, permitindo que os dados recolhidos enriqueçam o quadro teórico ou ajudem a validar explicações científicas. Deste modo, a investigação quantitativa não se limita a descrever fenómenos, mas procura também

relacioná-los com fundamentos teóricos consolidados, aprofundando a compreensão das dinâmicas sociais:

o uso de métodos quantitativos está frequentemente associado ao interesse de reduzir a incerteza ou aumentar o conhecimento acerca de valores, atitudes e comportamentos humanos em situações sociais variadas (...) o interesse do pesquisador passa quase sempre pela identificação de diferenças entre indivíduos, grupos ou organizações que possam contribuir para a explicação de padrões observáveis, sempre em diálogo com teorias já existentes (p. 20).

Para recolha dos dados foi utilizado o inquérito por questionário. Segundo Ghiglione e Matalon (2001), o inquérito por questionário consiste num método de investigação que visa recolher informações padronizadas de um grupo de pessoas, com o objetivo de compreender as suas opiniões, comportamentos e atitudes em relação a um determinado tema. Esta técnica permite generalizar os resultados obtidos para uma população mais vasta.

Assim, este método foi considerado o mais adequado para obter informação sobre este assunto, sobretudo por permitir recolher dados de uma amostra significativa de professores e alunos. Isto proporciona uma visão mais abrangente e objetiva. Adicionalmente, a facilidade de aplicação, tanto em formato digital como impresso, permite uma recolha de dados rápida e eficiente.

Após a recolha dos inquéritos preenchidos, é possível comparar as perceções dos professores e alunos das diferentes turmas. Embora alguns possam ter vindo das mesmas escolas e terem desenvolvido as suas aprendizagens com os mesmos métodos de ensino, as suas perceções podem divergir. Desta forma, é possível obter uma melhor compreensão dos interesses e dificuldades de cada aluno, permitindo identificar os aspetos comuns a todos os alunos.

O acompanhamento das duas turmas durante o estágio na disciplina de História e Geografia de Portugal, permitiu perceber, através da observação, se as perceções dos alunos evidenciadas nas respostas aos inquéritos correspondem à forma como encaram a História e participam nas aulas de História e Geografia no 5º ano do 2.º CEB.

2. Caracterização da amostra

2.1. 1.º CEB

A primeira fase do estudo foi realizada no âmbito da PES I e II em 1.º CEB e centrou-se na recolha de dados junto dos professores.

A PES II em 1.º CEB decorreu num estabelecimento de ensino público localizado numa zona rural de Valongo. O corpo docente era constituído por quatro professores do 1.º CEB e três educadoras de infância. Trata-se de uma escola de pequena dimensão, instalada num edifício centenário, onde existe apenas uma turma por cada um dos anos de escolaridade. O número de alunos por turma situa-se entre os 10 e 21 alunos.

Devido à reduzida dimensão deste estabelecimento de ensino, optou-se por alargar a amostra incluindo as outras quatro escolas do 1.º CEB que integravam o agrupamento, situadas na zona urbana de Valongo. O corpo docente em todos estes estabelecimentos era constituído por quatro professores do 1.º CEB e três educadoras de infância. São escolas de pequena dimensão e, tal como a primeira, uma delas estava instalada num edifício centenário. As turmas organizavam-se da mesma maneira, com apenas uma turma por cada ano de escolaridade. O número de alunos por turma situava-se entre os 10 e os 23.

Incluímos ainda na amostra os professores de um estabelecimento de ensino público do 1.º CEB, com características diferentes pelo facto de se localizar no centro da cidade do Porto, com um corpo docente constituído por oito professoras. Os alunos distribuíam-se em cada ano de escolaridade por duas turmas e algumas dessas turmas apresentavam um elevado número de alunos podendo atingir os 27 alunos.

2.2. 2.º CEB

A segunda parte do estudo que implicou a recolha de dados junto dos alunos do 5.º ano do 2.º CEB, foi realizada no âmbito da PES I e II em 2.º CEB num estabelecimento de ensino público, localizado numa freguesia urbana de Valongo, mas que apresenta ainda características rurais, e envolveu duas turmas de 5.º ano, uma constituída por 23 alunos e outra por 21 alunos.

A turma X é constituída por 10 rapazes e 13 raparigas e a turma Y é constituída por 12 rapazes e 9 raparigas, todos entre os 9 e 10 anos de idade. Apenas na turma Y há 1 aluno com 11 anos. Grande parte dos alunos moram na vila, próximo da escola, tendo em conta que a

maioria deles frequentou o 1.º CEB nas escolas do agrupamento. Apenas um aluno entrou recentemente na turma X, proveniente de Lisboa.

É importante destacar as diferenças entre as turmas: 22 dos 23 os alunos da turma X vieram da mesma escola primária do agrupamento, todos eles fizeram parte da mesma turma com a mesma professora de 1.º CEB durante os 4 anos do ciclo de ensino, enquanto os alunos da turma Y provieram de escolas distintas, tanto dentro como fora do agrupamento, tendo feito, por isso, o 1.º CEB com diferentes professores.

De acordo com o Projeto Educativo da escola (2023-2026), a maioria dos encarregados de educação dos alunos possui o ensino secundário ou superior, realidade que tem vindo a aumentar ao longo dos anos. Socialmente, a escola localiza-se numa freguesia onde ainda há um número significativo da população que apresenta dificuldades económicas devido ao desemprego ou emprego precário. Um número significativo de alunos beneficia de ação social escolar.

3. Instrumentos de recolha de informação – Inquéritos por questionário

3.1) Inquéritos aos professores do 1.º CEB

Para a recolha de dados, elaborou-se um inquérito para ser respondido pelos professores do 1.º CEB para compreender de que forma trabalham os conteúdos de História durante este ciclo, quais os métodos e recursos utilizados.

O envio do link de acesso ao inquérito será feito via email aos professores acompanhado de uma explicação do propósito do estudo, no final do ano letivo.

O inquérito por questionário foi elaborado no *Google Forms* com nove questões: quatro de resposta única, quatro de escolha múltipla e uma de resposta curta (Fig. 1).

O inquérito inicia-se com a identificação do ano de escolaridade que o docente leciona. Em seguida, procura-se compreender o tipo de História priorizado pelos professores através da questão: "Que tipo de História aborda no âmbito do Estudo do Meio?" Esta questão permite selecionar mais do que uma opção. A análise das respostas permitirá verificar se os professores privilegiam a História local ou nacional e se estas escolhas estão alinhadas com as AE. Caso o docente selecione a opção "Não abordo", deverá responder à questão 3, "Se não,

indique a razão", justificando o motivo pelo qual não aborda qualquer tipo de História. Esta resposta permitirá avaliar se a justificação está relacionada com falhas curriculares.

A questão seguinte, "Se sim, quais são as metodologias que considera mais adequadas para o ensino da História no 1.º CEB?", tem como objetivo identificar a preferência dos professores entre metodologias tradicionais (ex: aulas expositivas) ou ativas (ex: projetos, debates). O docente deverá selecionar apenas uma opção, o que permitirá analisar se existe uma tendência para a inovação pedagógica ou para a utilização de métodos mais tradicionais.

Posteriormente, procurou-se compreender quais os recursos utilizados em sala de aula. Primeiramente, foi colocada a questão "Utiliza outros recursos didáticos para além do manual?" (questão 5), de modo a verificar se há diversidade ou se, pelo contrário, o manual é o recurso a que os professores recorrem em exclusivo. Caso a resposta seja "Sim", segue-se a questão 6, "Se sim, quais?", que apresenta várias opções, permitindo selecionar mais do que uma resposta ou até indicar recursos não indicados. Desta forma, será possível analisar se os materiais utilizados são maioritariamente visuais, tecnológicos ou se promovem o trabalho de campo.

Para compreender os desafios percebidos pelos professores do 1.º CEB na abordagem de conteúdos históricos, foi incluída a questão "Quais os desafios que enfrenta na abordagem da História no 1.º CEB?", na qual podem ser selecionadas várias opções. Esta questão permitirá identificar obstáculos práticos e pedagógicos, como a sobrecarga curricular, a priorização de outras áreas ou a carência de materiais adaptados à faixa etária.

A penúltima questão, "Na sua opinião, qual é a abordagem que considera mais adequada no ensino da História no 1.º CEB?", visa identificar qual das abordagens (tradicional, por competências ou mista) os professores consideram mais eficaz, devendo selecionar apenas uma opção.

Por fim, a questão "Na sua opinião, qual é a utilidade de trabalhar conteúdos de História no 1.º CEB?" tem como objetivo compreender a perceção dos professores sobre o propósito do ensino da História nesta fase de escolaridade. Tratando-se de uma pergunta de resposta aberta, permitirá recolher as suas perspetivas pessoais.

Historia no 1º ciclo do Ensino Básico

O seguinte questionário está a ser realizado no âmbito do relatório de investigação, sob a orientação da Doutora Isilda Monteiro e tem como por objetivo compreender como os professores do 1ºciclo abordam os conteúdos de Historia no 1ºciclo, na disciplina de Estudo do Meio.

O preenchimento deste questionário tem a duração aproximada de 4/5 minutos.

Agradeço antecipadamente a sua participação e colaboração.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Em que ano de escolaridade leciona? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1º ano.
- ☐ 2º ano.
- ☐ 3ºano.
- ☐ 4ºano.

2. Que tipo de história aborda no âmbito do Estudo do Meio? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ História local.
- ☐ História nacional.
- ☐ Não abordo.
- ☐ Outra: _____

3. Se não, indique a razão.

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Porque não está nas Aprendizagens Essenciais.
- ☐ Porque não interessa à turma.
- ☐ Porque não é um assunto relevante.
- ☐ Porque não é abordado nos manuais.

4. Se sim, quais são as metodologias que considera mais adequadas para o ensino da História no 1º CEB?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Metodologia tradicional.
- ☐ Metodologias ativas (Ex: debates, metodologia de projeto, trabalho de campo...)

5. Utiliza outros recursos didáticos para além do manual? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não.

6. Se sim, quais?

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Visitas de estudo.
- ☐ Vídeos e imagens.
- ☐ Barra cronológicas.
- ☐ Mapas.
- ☐ Outra: _____

7. Quais os desafios que enfrenta na abordagem da História no 1ºCEB? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Falta de tempo.
- ☐ Dificuldade em motivar os alunos.
- ☐ Falta de recursos pedagógicos adequados a este nível de ensino*
- ☐ Outra: _____

8. Na sua opinião, qual é a abordagem que considera mais adequada no ensino da história no 1º CEB? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Abordagem tradicional (focada na memorização dos factos, datas, personalidades)
- ☐ Abordagem de modo a trabalhar competências (focada na compreensão e no pensamento crítico)
- ☐ Abordagem mista.

9. Na sua opinião, qual é a utilidade de trabalhar conteúdos de História no 1º CEB? *

Figura 1 – Inquérito por questionário a distribuir aos professores do 1.º CEB

3.2) Inquéritos aos alunos do 2.º CEB

Construiu-se também um inquérito a preencher pelos alunos para conhecer as suas perceções sobre a experiência na aprendizagem da História no 1.º CEB e perceber de que forma essas perceções condicionam o seu interesse e disponibilidade para aprender História no 5.º ano. Este inquérito destina-se a ser aplicado no início do ano letivo, quando os alunos estão a iniciar os conteúdos de História do 5.º ano.

Embora elaborado digitalmente, o questionário será impresso em papel para ser distribuído aos alunos no final de uma aula de História e Geografia de Portugal antecedido de uma explicação sobre os objetivos do estudo.

O questionário a aplicar nas duas turmas do 5.º ano do 2.º CEB, durante a PES I no 2.º CEB, também foi elaborado no *Google Forms* e consistiu em sete questões: três de uma opção, três de escolha múltipla e uma de resposta curta (Fig. 2).

A primeira questão dirigida aos alunos, "A História é, para ti:", tem como objetivo analisar o interesse e a utilidade que atribuem à disciplina, bem como compreender a sua experiência com os conteúdos históricos durante o 1.º CEB. Os alunos só podem selecionar uma opção, o que permitirá avaliar se demonstram falta de motivação, perceções negativas ou positivas em relação à disciplina, ou se, pelo contrário, revelam interesse e reconhecimento do seu valor.

De seguida, procura-se averiguar se os alunos se recordam de ter abordado conteúdos de História neste ciclo de escolaridade, através da questão "Estudaste História no 1.º Ciclo do Ensino Básico?". Caso a resposta seja afirmativa, os alunos são direcionados para a questão seguinte, "Se estudaste História no 1.º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:", onde devem indicar como se sentiam durante o estudo desses conteúdos. As respostas a esta questão permitirão compreender a experiência emocional e cognitiva dos alunos durante as aulas de História no 1.º CEB.

Por fim, na questão 4 "Se estudaste História no 1.º Ciclo do Ensino Básico, do que é que te lembras?", os alunos devem identificar os conteúdos de que mais se recordam, podendo selecionar mais do que uma opção. Desta forma, será possível inferir quais os temas que mais marcam os alunos durante a aprendizagem da História no 1.º CEB.

Depois de os alunos identificarem os conteúdos que os alunos mais se recordam da abordagem da História em 1.º CEB, procurou-se compreender os métodos e recursos que, na perspetiva dos alunos, contribuíram para a sua aprendizagem, colocando a questão “O que te ajudou mais a aprender História?”. A análise das respostas a esta questão permitirá não só identificar o que facilita a aprendizagem da História, mas também inferir as práticas pedagógicas e os recursos utilizados pelos professores do 1.º CEB, uma vez que os alunos tiveram contato direto com essas estratégias.

Da mesma forma que tentamos compreender o que auxilia os alunos a compreender História, também é importante compreender as dificuldades que os alunos enfrentaram durante o estudo da História no 1.º CEB, selecionando as opções que melhor identificam os sentimentos e obstáculos sentidos naquela fase. A análise das respostas a esta questão permitirá identificar os principais desafios enfrentados pelos alunos, as dificuldades percebidas pelos alunos na abordagem realizada pelo professor do 1.º CEB no âmbito do processo de ensino e aprendizagem de História quer ao nível da gestão curricular, quer no acompanhamento dos alunos quer na estratégia utilizada.

Por fim, os alunos, numa questão aberta, terão a oportunidade de explicar o motivo de gostarem ou não de História através da questão: “Diz por que gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1.º CEB?”. Esta questão permitirá compreender as motivações ou o desinteresse dos alunos de forma qualitativa. Além disso, a análise das respostas permitirá perceber como a experiência dos alunos poderá influenciar a forma como se sentem na disciplina de História e Geografia de Portugal ao iniciar os respetivos conteúdos.

Inquérito aos alunos do 5º ano-

Perceções sobre os conteúdos de História

1. **A História é, para ti:**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sem interesse e sem utilidade;
- ☐ Saber como viveram as pessoas há muito tempo;
- ☐ Muito interessante
- ☐ Uma disciplina que tenho de estudar;
- ☐ Não sei

2. **Estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não me recordo

3. **Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Aborrecido(a);
- ☐ Curioso(a);
- ☐ Indiferente;
- ☐ Confuso;
- ☐ Não sei

4. **Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, de que é que te lembras:**
(podes marcar mais do que um)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ dos reis;
- ☐ dos monumentos e lendas do local onde vivo e estudo;
- ☐ das guerras;
- ☐ dos romanos
- ☐ das dinastias;
- ☐ do 25 de abril de 1974;
- ☐ de nada

5. **O que te ajudou mais a aprender História no 1º CEB?**

(podes marcar mais do que um)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Ler o manual;
- ☐ Ler livros e revistas;
- ☐ Ver filmes e documentários;
- ☐ Visitar museus;
- ☐ Ver barras cronológicas;
- ☐ Ver mapas;
- ☐ Fazer atividades práticas (trabalhos de pesquisa, jogos, etc)
- ☐ Ouvir as explicações do professor
- ☐ Ouvir as explicações de outras pessoas;

6. **Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?**

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Memorizar datas e nomes;
- ☐ Perceber o significado de algumas palavras;
- ☐ Fazer trabalhos;
- ☐ A rapidez com que a História foi dada;
- ☐ Memorizar as dinastias dos reis;
- ☐ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram;

7. **Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?**

Figura 2 – Inquérito por questionário a distribuir aos alunos do 5.º ano do 2º CEB

III Apresentação e análise dos dados

1. Análise dos resultados

1.1) 1.º Ciclo – inquéritos aos professores

Os professores de 1º CEB foram muito cooperativos na realização do inquérito. No total, foram 12 os respondentes ao inquérito. Todos os professores inquiridos têm entre 15 e 28 anos de serviço e já se encontram efetivos nas respetivas instituições, três professores encontravam-se a lecionar no 1.º ano, um no 2.º ano, cinco no 3.º ano e três no 4.º ano.

Relativamente à primeira questão colocada aos professores “Que tipo de história aborda no âmbito do Estudo do Meio”, as opções de resposta foram: "História local", "História nacional" e "Não abordo". Os professores podiam selecionar mais do que uma resposta. Como se pode observar pelos resultados (Gráfico 1), a História local é aquela que os professores inquiridos assinalaram como a que mais integram na sua prática docente no 1.º CEB no âmbito do Estudo do Meio (75%), apresentando-se a História nacional, com uma percentagem ligeiramente inferior (66,7%). 6 professores selecionaram ambas as opções. Entre estes, quatro lecionavam no 3.º ano, 1 no 2.º ano e 1 no 4.º ano. Quanto aos restantes, três optaram apenas por História local sendo que os respetivos professores lecionavam no 1.º, 3.º e 4.º anos, enquanto dois escolheram apenas História nacional, um deles a lecionar no 1.º ano e o outro no 4.º ano. Apenas um professor referiu não abordar História.

Que tipo de história aborda no âmbito do Estudo do Meio?

12 respostas

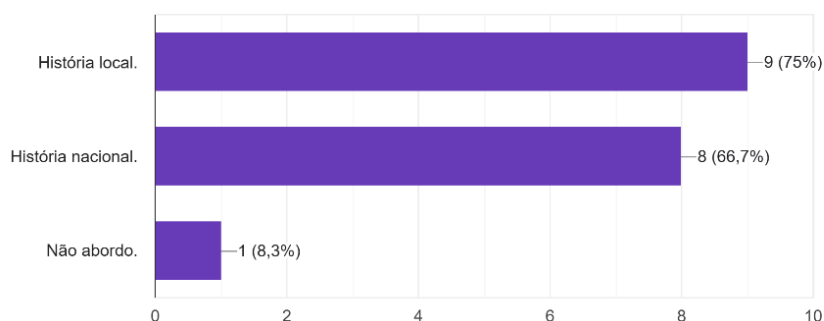


Gráfico 1 – O tipo de História abordada no 1.º CEB

A maioria dos professores consideram, assim, igualmente importante que os alunos conheçam a História do local onde residem e a do país. Da mesma forma, podemos concluir que as respostas dos professores podem ter sido influenciadas tanto pelas AE como pelo ano de escolaridade em que lecionavam. Como já foi analisado anteriormente, ao observarmos as AE, os conteúdos de História começam a surgir no 3.º e 4.º anos. Os temas relacionados com a História local são abordados no terceiro ano, enquanto os da História nacional são lecionados no quarto ano. Por esse motivo, as respostas dos professores podem ter variado consoante o ano letivo que estavam a lecionar naquele momento ou até mesmo devido à sua experiência global como docentes do 1.º CEB, abrangendo todos os anos deste ciclo de ensino.

Como apenas um professor respondeu que não aborda História, na questão 3 ele foi o único respondente, referindo que não aborda História por não constar nas AE (Gráfico 2). Trata-se de um professor que leciona no 1.º ano, o que possivelmente o levou a interpretar a questão como sendo dirigida apenas ao ano a que estava a lecionar.

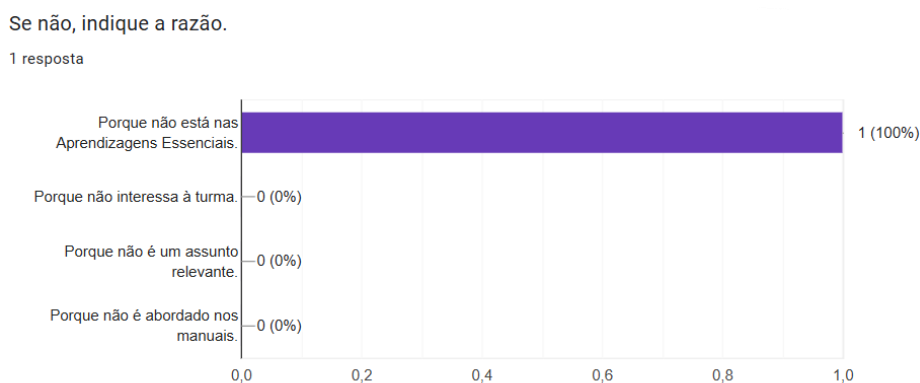


Gráfico 2 – Razões apontadas para não abordar a História no 1º CEB

Relativamente à questão sobre as metodologias que os professores consideram mais adequadas no processo de ensino e aprendizagem de História, a metodologia ativa foi a referida pela maioria dos professores (81,8%) (Gráfico 3).

As metodologias ativas baseiam-se na participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Os alunos são incentivados a fazer perguntas, a buscar informações em

diferentes tipos de documentos, a construir argumentos e a comunicar as suas ideias de forma clara e concisa. Desta forma, o aluno torna-se o sujeito ativo da sua aprendizagem, desenvolvendo o senso crítico e a capacidade de análise, o que leva a um maior interesse pela aula e pelos conteúdos abordados.

A metodologia expositiva foi a selecionada por dois professores, como a metodologia mais adequada na abordagem da História em 1.º CEB. Trata-se de uma metodologia pedagógica em que o docente transmite os conteúdos de forma predominantemente oral, recorrendo à narração e demonstração para veicular o conhecimento. Esta abordagem caracteriza-se pela comunicação verbal do professor, que pode assumir a forma de exposição narrativa ou de exemplificação prática, visando facilitar a assimilação dos conteúdos.

Neste modelo, o aluno assume um papel essencialmente passivo no processo de aprendizagem. Embora apresente vantagens pontuais, como a eficácia na introdução de novos tópicos ou conceitos históricos complexos, e no desenvolvimento da escuta ativa e capacidade de atenção, a sua utilização constante revela limitações significativas. Devido à falta de interação e diversificação de atividades, tende a gerar monotonia e diminuição do envolvimento do aluno.

Se sim, quais são as metodologias que considera mais adequadas para o ensino da História no 1.º CEB?
11 respostas

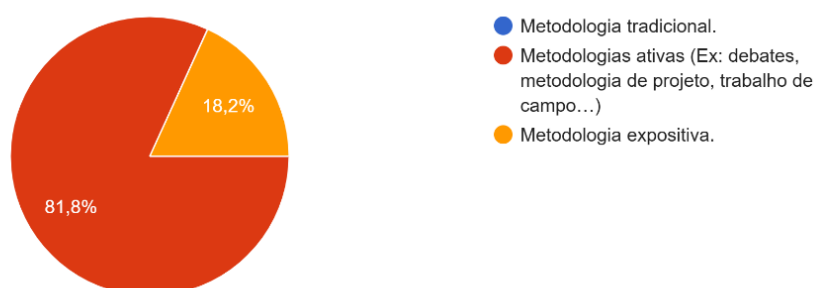


Gráfico 3 – As metodologias mais adequadas para o ensino da História no 1.º CEB

Relativamente aos recursos, todos os professores questionados refeririam na resposta à questão 5 utilizar outros recursos além do manual (Gráfico 4).

A utilização de recursos pedagógicos diversificados constitui uma importante ferramenta pedagógica, pois auxilia significativamente o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos e motivam os alunos para a aprendizagem. No contexto de sala de aula, estes recursos permitem responder aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos – alguns podem demonstrar maior facilidade na aprendizagem visual, outros na auditiva, e outros ainda através de abordagens mais práticas.

Utiliza outros recursos didáticos para além do manual?

12 respostas

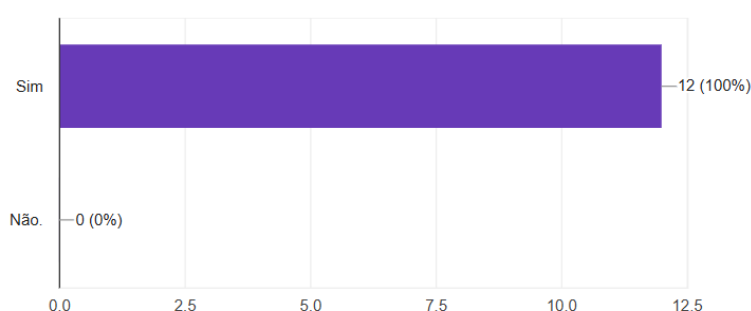


Gráfico 4 – Utilização de outros recursos didáticos além do manual no 1.º CEB

Caso tivessem respondido afirmativamente à questão anterior, na questão 6 era-lhes pedido que indicassem os recursos que utilizam na abordagem da História. As respostas permitiram concluir que há uma priorização dos recursos visuais, como a utilização de vídeos e imagens (100%), mapas (91,7%) e barras cronológicas (83,3%). Referem também a utilização de visitas de estudo (83,3%) A utilização da internet foi a menos selecionada (dois professores).

Quanto à pesquisa bibliográfica e trabalhos de investigação, cada um deles selecionado por um professor (Gráfico 5). O professor que selecionou este último recurso indicou que estas investigações são realizadas com a participação da família, amigos e conhecidos dos alunos. É compreensível que a utilização destes recursos/estratégias possa apresentar um maior grau de dificuldade para crianças do 1.º CEB, exigindo um maior acompanhamento por parte dos professores e, eventualmente, turmas com um menor número de alunos.

Se sim, quais?

12 respostas

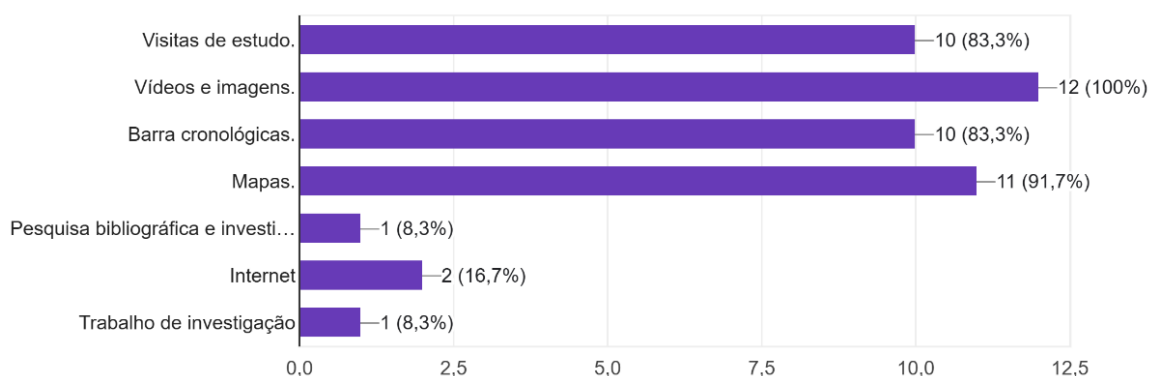


Gráfico 5 – Identificação dos recursos utilizados além do manual no 1.º CEB

Aos professores colocam-se diversos desafios na abordagem da História no 1.º CEB, pelo que se integrou no questionário uma questão que lhes permitisse identificá-los. Ao analisar o Gráfico 6, observa-se que o desafio apontado pela maioria dos professores é o da falta de tempo (75%). Como já analisamos anteriormente, à área curricular de Estudo do Meio está atribuída uma carga horária de 3 horas semanais. As restantes 22 horas são reservadas à matemática e ao português. Além disso, no Estudo do Meio também é necessário abordar conteúdos das áreas das ciências naturais e da geografia.

Um número significativo de professores (25%) identificou ainda como um desafio a dificuldade em motivar os alunos. Um professor referenciou ainda a falta de recursos didáticos adequados e um outro o desconhecimento do meio envolvente ao estabelecimento de ensino. Um único professor respondeu não ter nada a assinalar (Gráfico 6).

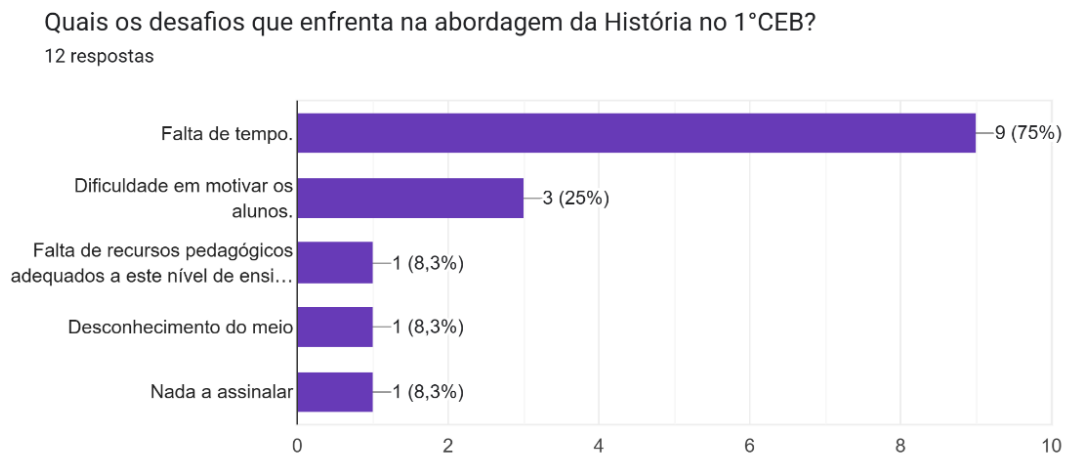


Gráfico 6 – Os desafios na abordagem da História no 1.º CEB

Relativamente à questão “Na sua opinião qual a abordagem que os professores consideram mais adequada no ensino da História no 1.º CEB” como se pode observar no Gráfico 7 há um empate entre a abordagem mista (50%) e a abordagem focada no desenvolvimento de competências (50%). Nenhum professor selecionou a abordagem tradicional.

Esta divisão de opiniões indica que os professores que optaram pela abordagem de desenvolvimento de competências visam o desenvolvimento de capacidades como o pensamento crítico, a capacidade de análise, a comunicação, entre outras. Já a outra metade dos professores acredita que deve existir um equilíbrio entre a abordagem tradicional e a de desenvolvimento de competências, aproveitando o melhor que cada uma tem para oferecer.

Na sua opinião, qual é a abordagem que considera mais adequada no ensino da história no 1.º CEB?
12 respostas

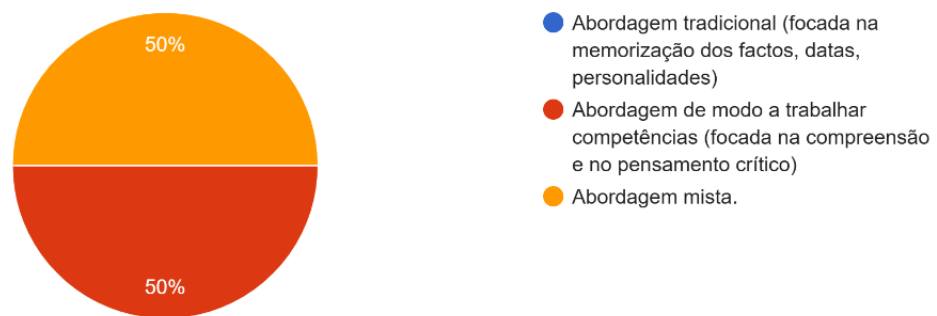


Gráfico 7 – A abordagem considerada mais adequada pelos professores no ensino da História no 1.º CEB

Por fim, numa questão aberta os professores foram convidados a pronunciar-se sobre a utilidade de trabalhar conteúdos de História no 1.º CEB.

Após analisar as respostas, muito diversas, verifica-se que, em geral, os professores se concentraram na ideia de que os conteúdos de História ajudam os alunos a obter conhecimento do passado e da cultura do país, contribuindo para a construção da sua identidade (Tabela 1).

De entre todas as respostas, destacam-se: "Ajuda os alunos a ter uma visão da evolução do mundo, ajudando as crianças a compreenderem as suas raízes culturais, tradicionais e, acima de tudo, valores" e "Para dar a conhecer ao aluno o contexto histórico do meio onde vive, de forma a conhecer o próprio meio e alargar horizontes" (Tabela 1).

Tabela 1 – A utilidade de trabalhar conteúdos de História no 1.º CEB

Conhecer o que fomos ontem para podermos perceber o que somos.
Ajuda os alunos a ter uma visão da evolução do mundo ajudando as crianças a compreenderem as suas raízes culturais, tradicionais e acima de tudo, valores.
Para conhecer a nossa história e as nossas raízes.
Conhecimento do passado nacional.

Para dar a conhecer ao aluno o contexto histórico do meio onde vive, de forma a conhecer o próprio meio e alargar horizontes.
Conhecimento da realidade envolvente.
Aumentar os conhecimentos e cultura dos alunos.
Manter a nossa identidade.
Saber cultura geral e entender o mundo que nos rodeia.
Reconhecimento da identidade do nosso país e sua posição no mundo ao longo dos tempos.
São vários como o aumento das capacidades e competências dos alunos, a melhoria nos resultados, a amplificação dos seus conhecimentos entre outros
Conhecer o passado.

1.2) 2.º CEB – inquéritos aos alunos

Os inquéritos foram distribuídos em papel aos alunos. Em uma das turmas os alunos responderam em aula. Na outra turma, os alunos levaram-no para casa, tendo-o entregue na aula seguinte preenchido.

No total, foram recolhidos 34 inquéritos preenchidos, 20 numa turma e 14 em outra. Alguns alunos faltaram à aula em que se fez a distribuição dos inquéritos e outros, tendo-o levado para casa, esqueceram-se de o preencher. Apesar disso, foi possível realizar uma análise ampla sobre as questões respondidas.

Muitas das perspetivas que os alunos possuem à chegada ao 5.º ano sobre História de Portugal provêm da experiência que tiveram durante o 1.º CEB, especificamente no 3.º e 4.º ano.

No Gráfico 8 apresentam-se os resultados obtidos na questão “O que é a História para ti?”. Um número significativo de alunos considera a História como uma disciplina que permite conhecer como as pessoas viviam no passado (41,2%) e também como algo interessante (32,4%). 6 alunos consideram a História como uma disciplina que têm de estudar, denotando que só o fazem porque isso mesmo, um aluno respondeu que não tem interesse e que é algo sem utilidade e, por fim, dois alunos selecionaram a opção de “Não sei”.

Ao analisar os resultados desta questão, observa-se serem coerentes com o que observamos em sala de aula, no 5.º ano. Os alunos demonstraram grande curiosidade sobre o

modo de vida das pessoas no passado. Durante as intervenções da professora estagiária, ao observarem imagens de vestígios arqueológicos, os alunos questionaram ativamente sobre a função dos artefactos, manifestando interesse no processo de construção sem a utilização das tecnologias atuais e surpresa pela sua preservação até à atualidade.

A História é, para ti:
34 respostas

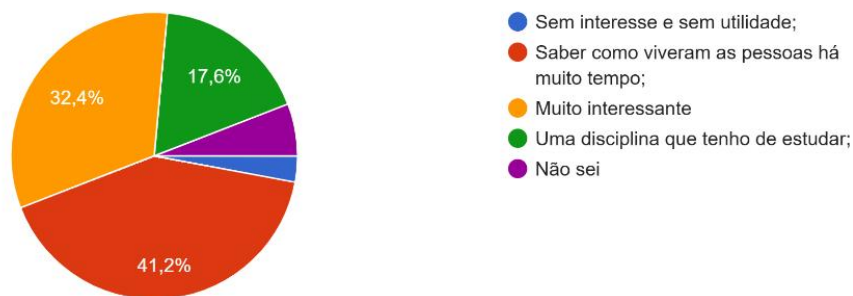


Gráfico 8 – O que significa a História para os alunos

Relativamente à segunda questão “Estudaste História no 1.º Ciclo do Ensino Básico?” os resultados indicam que quase todos os alunos se recordam de a ter estudado (94,1%). Apenas um aluno respondeu que não estudou e um outro respondeu que não se lembrava (Gráfico 9).

Tal como na questão anterior, verifica-se aqui coerência entre as respostas dos alunos ao inquérito e a forma como participaram nas aprendizagens na disciplina de História e Geografia de Portugal. Ao longo do semestre, estes demonstraram possuir conhecimentos prévios sobre determinados conteúdos, referindo frequentemente recordar-se de ter abordado os temas no 1.º CEB. Muitos chegaram mesmo a especificar em diálogo com o professor cooperante e a professora estagiária como aprenderam esses conteúdos,

mencionando os materiais e recursos utilizados ou se a aprendizagem resultou de uma atividade promovida pela escola, como uma visita de estudo.

Estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico?

34 respostas

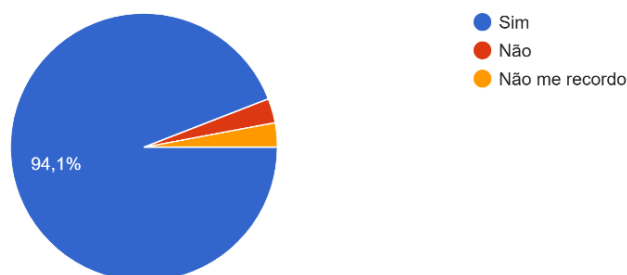


Gráfico 9 – Os alunos estudaram História no 1.º CEB

A próxima questão, “Se estudaste História no 1.º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:”, teve como objetivo compreender os sentimentos dos alunos ao estudarem História durante este ciclo de ensino (Gráfico 10).

Ao analisar o gráfico, observa-se que a maioria dos alunos sentiu curiosidade (64,7%) em aprender História. As opções “Não sei” e “Aborrecido” obtiveram o mesmo número de respostas (11,8%), correspondendo a quatro alunos cada. A escolha de “Não sei” pode indicar dificuldade em identificar o sentimento predominante ou uma experiência neutra. Já os que selecionaram “Aborrecido” provavelmente não tiveram uma experiência positiva ou não demonstraram interesse pelos conteúdos, o que pode ter influenciado a sua perceção dos conteúdos de História abordados. Analisando os inquéritos individualmente, verificou-se que dois dos alunos que se sentiram aborrecidos nas aulas de 1º CEB em que a História foi trabalhada assinalaram, na Questão 1, que para eles a História era uma disciplina que tinham de estudar, denotando com isso pouco interesse.

Nos restantes resultados, dois alunos afirmaram ter-se sentido confusos e outros dois escolheram “Indiferença”, o que sugere falta de envolvimento emocional com a matéria. Procedendo à mesma análise do parágrafo anterior, constatou-se que os alunos que se sentiram confusos nas aulas também selecionaram, na Questão 1, que História era algo que tinham de estudar.

Ao comparar os dados do gráfico com as respostas anteriores, conclui-se que, em alguns casos, os sentimentos dos alunos no 1.º CEB em relação à aprendizagem da História influenciaram a sua perceção sobre a disciplina. O desinteresse ou a confusão durante o estudo dos conteúdos pode afetar o gosto pela disciplina e até moldar a relação dos alunos com História e Geografia de Portugal (HGP) no 2.º CEB.

Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:

34 respostas

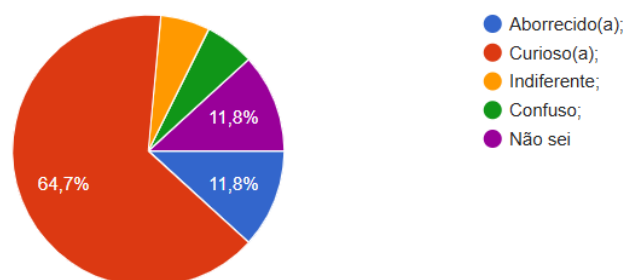


Gráfico 10 – Como se sentiram os alunos ao estudar História no 1º CEB

As respostas representadas no Gráfico 10 estão, mais uma vez, em consonância com o que observamos nas aulas do 5º ano. Em História e Geografia de Portugal, antes da abordagem de cada conteúdo, verifica-se que muitos alunos demonstram possuir conhecimentos prévios expressos em diálogo com o professor cooperante e a professora estagiária.

Relativamente à questão “Se estudaste História no 1.º Ciclo do Ensino Básico de que é que te lembras?” a maioria dos alunos demonstrou lembrar-se principalmente do 25 de Abril (85,3%) e dos reis (79,4%) (Gráfico 11). Durante o estágio de intervenção, os alunos demonstraram curiosidade por esses temas. As dinastias, as guerras e os romanos foram os outros assuntos que os alunos referiram lembrar-se – respetivamente por 24 alunos (70,6%), 22 alunos (64,7%) e 21 alunos (61,8%).

11 alunos (32,4%) identificaram ainda a História Local, "monumentos e lendas do local onde vivo e estudo". Apenas três alunos (8,8%) disseram que de nada se lembravam.

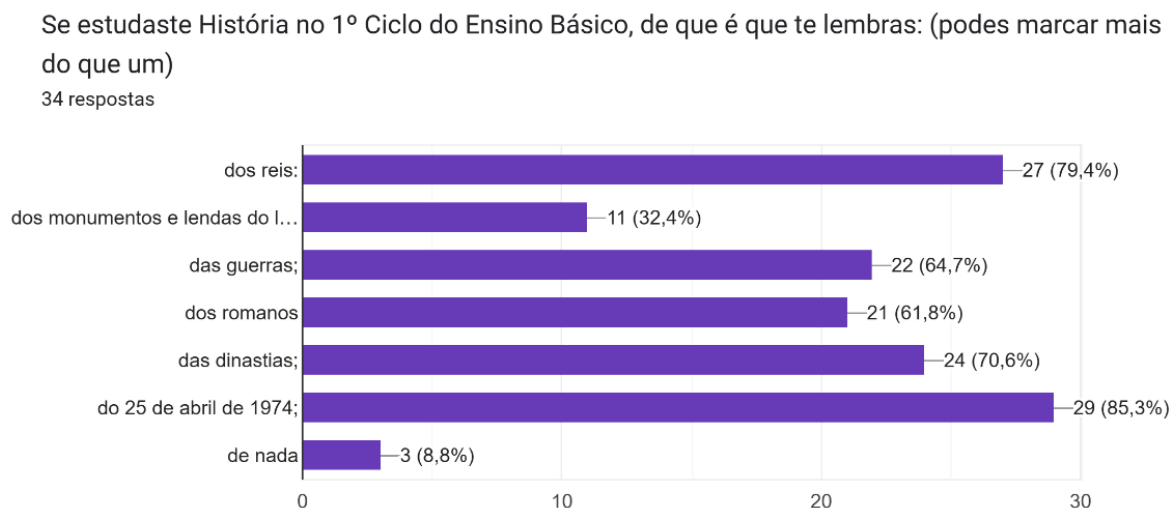


Gráfico 11 – O que recordam os alunos da História que aprenderam no 1º CEB

Ao longo do ano, os alunos demonstram possuir conhecimentos prévios relativos aos conteúdos abordados e selecionados no inquérito, o que contribui para a fluidez das aulas e permitiu complementar a matéria lecionada. Esta situação cria a oportunidade de integrar no processo de ensino e aprendizagem o que os alunos já sabem sobre o tema, possibilitando o enriquecimento das aprendizagens e a correção mais direcionada de conceitos mal compreendidos.

Conforme demonstrado no Gráfico 12, a maioria dos alunos (91,2%) considerou que as explicações do professor e a leitura do manual (82,4%) foram os recursos mais importantes para a sua aprendizagem dos conteúdos de História. Os alunos percebem o professor como a figura central no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo-o como o responsável por transmitir o conhecimento e orientar os alunos na sua aprendizagem.

É igualmente relevante destacar que a realização de atividades como trabalhos de pesquisa e jogos (61,8%) constituiu o terceiro fator que os alunos identificaram como mais importante na sua aprendizagem da História. Tendo selecionando mais do que um recurso, mapas (58,8% dos alunos), barras cronológicas (41,2%), visitas a museus (47,1%), filmes e documentários (35,3%), também foram considerados relevantes pelos alunos.

A seleção dos diferentes métodos de apoio à aprendizagem pelos alunos permite inferir que estes tiveram contacto com diversos recursos durante as aulas. Esta informação revela ainda a forma como os professores do 1.º CEB trabalharam os conteúdos de História e quais os recursos que utilizaram nas aulas para facilitar a compreensão dos conteúdos.

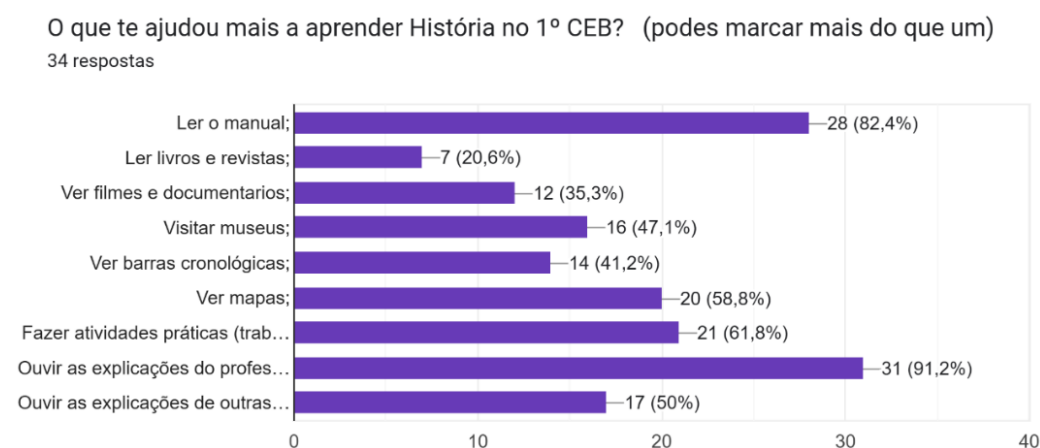


Gráfico 12 – Quais os recursos/estratégias que os alunos consideram mais relevantes na sua aprendizagem da História no 1º CEB

Quando questionados sobre a principal dificuldade enfrentada no estudo da História (Gráfico 13), a maioria dos alunos (21) selecionou apenas uma, enquanto os restantes indicaram duas ou mais dificuldades (11). Somente dois alunos que deixaram a resposta em branco.

Na análise das combinações de dificuldades selecionadas pelos alunos, observa-se que várias escolhas eram comuns, havendo mesmo casos em que a mesma combinação se repetiu em alunos distintos. Registe-se, por exemplo, as seguintes combinações:

- Memorizar datas e nomes; A rapidez com que a História foi dada; Memorizar as dinastias dos reis (dois alunos) (Apêndice 1);
- Memorizar datas e nomes; Memorizar as dinastias dos reis; Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram (dois alunos) (Apêndice 2).

Na maioria das combinações entre duas e três opções, apenas se verificou o caso de dois alunos que selecionaram mais de três respostas. Ao analisar os inquéritos individualmente, constatou-se que os alunos que indicaram mais de três dificuldades foram precisamente aqueles que, nas Questões 1 e 3, afirmaram que História era algo que tinham de estudar e que o seu estudo os fazia sentir aborrecidos ou confusos.

- Memorizar datas e nomes; Perceber o significado de algumas palavras; A rapidez com que a História foi dada; Memorizar as dinastias dos reis; Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram (1 aluno) (Apêndice 3);

- Memorizar datas e nomes; Perceber o significado de algumas palavras; Fazer trabalhos; A rapidez com que a História foi dada; Memorizar as dinastias dos reis; Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram (1 aluno) (Apêndice 4).

Esta análise revela que a maioria dos alunos (53,1%) apresenta a memorização de datas e nomes como uma dificuldade.

Outra dificuldade assinalada pelos alunos foi a de localizar os acontecimentos históricos no século em que ocorreram (34,4%). Isto realça a importância da utilização de recursos visuais que auxiliem os alunos a situarem-se no tempo. As barras cronológicas, ao representarem visualmente o tempo, auxiliam os alunos a compreenderem a duração e a sequência dos eventos, além de estabelecerem relações entre passado, presente e futuro. É uma ferramenta valiosa para explorar a distância temporal entre os eventos históricos e a atualidade, permitindo aos alunos visualizarem o período histórico em estudo.

Perceber o significado de alguma terminologia específica também foi uma das dificuldades que os alunos referem como dificuldade ao estudar História. Sete alunos selecionaram essa dificuldade (21,9%). Alguma terminologia utilizada na abordagem da História pode dificultar a compreensão dos conteúdos, especialmente no 1.º CEB. É importante que os professores dediquem algum tempo à exploração desses termos com os alunos, não só para alargar o seu vocabulário, mas também pela sua relevância conceptual.

Por fim, “Fazer trabalhos” e “A rapidez com que a História foi dada”, ambas as dificuldades receberam seis respostas cada (18,8%).

Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

32 respostas

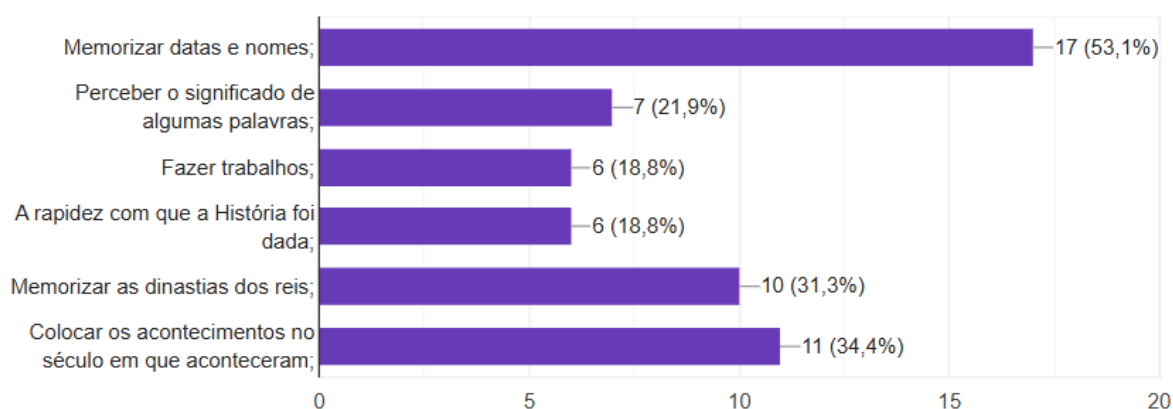


Gráfico 13 – Quais foram as dificuldades sentidas pelos alunos na aprendizagem da História no 1.º CEB

Para finalizar, em questão aberta, solicitou-se aos alunos que indicassem os motivos pelos quais gostaram ou não de aprender História no 1º CEB (Tabela 2). De um modo geral, as respostas foram simples e diretas. Dos 32 alunos que responderam à questão, 28 afirmam gostar da disciplina por considerá-la interessante e por despertar a sua curiosidade: “Eu gostei muito de aprender história no 1.º CEB porque compreendia como a professora falava e porque gosto de saber o que aconteceu no passado e com os nossos antepassados”; “Eu adorei estudar História, é uma disciplina em que podemos saber o que aconteceu no passado, eu adorava esta matéria porque adoro saber o que acontece aos longo dos tempos”; Eu gosto muito de história porque é uma matéria com muito aproveitamento e que tem muita curiosidade e é interessante e eu gosto de saber o que se passou no passado”.

Um aluno revela que, embora não tivesse gostado da História no 1º CEB, começou a demonstrar interesse por essa disciplina no 2.ºCEB. Apenas dois alunos manifestaram desagrado pela disciplina: um aluno considerou-a aborrecida, enquanto outra aluna questionou a importância de estudar o passado, admitindo que há algumas questões que devem ser estudadas, mas em geral não se interessava pela matéria: “Eu não gosto de história, porque acho que não precisamos de saber do passado quero dizer, algumas coisas. Mas não

é uma coisa que me interesse e também não gosto desta matéria”. Três alunos responderam ainda que não sabia.

Tabela 2 – Razões apontadas pelos alunos para terem / não terem gostado de aprender História no 1º CEB

Razões apontadas pelos alunos para terem gostado de aprender História no 1º CEB	
Eu gostei de aprender História porque é interessante.	Eu gostei muito de aprender História no 1º CEB porque compreendia como a professora falava e porque gosto de saber o que aconteceu no passado e com os nossos antepassados.
Eu gostei muito da história por causa dos reis e das guerras.	Eu gostei muito de aprender as dinastias.
Eu gostei muito de História porque achei muito curioso e interessante.	Gostei porque fiquei curioso sobre os reis e dinastias.
é tudo muito fantástico.	Eu gostei muito porque sou curioso e gosto de aprender novas coisas.
Sim, porque gosto de saber como viveram e sobreviveram os povos antigos os rei e conquistas.	é uma matéria fixe aprendemos bem, a professora explicava bem as coisas e eu gostei desta matéria.
Eu adorei estudar História, é uma disciplina em que podemos saber o que aconteceu no passado, eu adorava esta matéria porque adoro saber o que acontece aos longo dos tempos.	Sim porque achava interessante.
Eu adorei História, é a minha matéria preferida.	Gostei porque era interessante.
Eu gosto muito de história porque é uma matéria com muito aproveitamento e que tem muita curiosidade e é interessante e eu gosto de saber o que se passou no passado.	Gostei da História dos reis.
Eu gostei mas lá não era tão divertido não gosto de época dos reis mas gosto agora de história.	Gostei muito pois fiquei a saber mais sobre os nossos antepassados.
Eu gostei porque havia grandes acontecimentos com guerras e batalhas e por aprender sobre o passado.	Sim porque fico a conhecer os nossos antepassados.
Eu gostei muito porque era uma das "matérias" que mais gostei.	Eu gostei muito porque foi uma matéria interessante.

Eu gosto de aprender história porque posso saber o que aconteceu a.c e d.c	Eu gostei porque eu estava muito curiosa para saber história.
Sim porque foi muito interessante.	Sim porque é uma disciplina interessante e que acho que toda a gente tem de gostar.
Eu aprendi que os fenícios foram os primeiros a chegar à península ibérica, depois foram os gregos e os cartagineses.	

Razões apontadas para não ter gostado de aprender História no 1.º CEB

Eu não gosto de história, porque eu acho que não precisamos de saber do passado, quero dizer, algumas coisas. Mas não é uma coisa que me interesse e também não gosto desta matéria.
Não porque ficava com sono.

Dado que o inquérito foi entregue em formato impresso, foi possível analisar com maior detalhe as diferenças entre as duas turmas. Além de conhecermos as preferências dos alunos, este inquérito permitiu-nos identificar os diferentes recursos a que os alunos tiveram acesso no 1.º CEB. Ao analisar a turma X, como referido na descrição da amostra, a maioria dos alunos (22 dos 23) já se encontravam na mesma turma no 1.º CEB. Isto verificasse, particularmente, ao observar os recursos pedagógicos utilizados, que apresentam uma clara coerência e semelhança na quantidade e tipologia dos materiais selecionados. Este facto comprova que os alunos tiveram acesso aos mesmos recursos, o que parece ter contribuído para uma melhor compreensão dos conteúdos históricos.

Já na turma Y, nota-se maior variedade e diferença nas escolhas dos recursos, também é possível verificar um número mais reduzido na seleção de recursos que os ajudaram a estudar História, como foi referido na descrição da amostra, os alunos desta turma vêm de diferentes instituições dentro e fora do agrupamento do 2º CEB. Esta divergência reflete-se no comportamento dos alunos durante as aulas, tanto ao nível da participação como na forma como reagem aos diferentes materiais. Na turma X, é comum os alunos referirem que já trabalharam determinado recurso anteriormente, demonstrando familiaridade com os materiais.

Quando questionados sobre gostar ou não pelos conteúdos de História durante o 1.º CEB, os alunos da turma Y tendem a dar respostas mais simples e diretas. Apenas dois alunos

apresentaram justificações ligeiramente mais elaboradas. Pelo contrário, na turma X, os alunos explicam as suas preferências de forma mais detalhada e fundamentada.

Um aspeto interessante é que ambas as turmas não diferem significativamente quando questionadas sobre os conteúdos que recordam do 1.º CEB, revelando um equilíbrio notável. Isto sugere que, apesar dos estabelecimentos e agrupamentos do 1.º CEB terem sido diferentes, os conteúdos foram abordados de acordo com o estipulado nos documentos orientadores, como no caso das AE, para este ciclo de estudos.

2. Discussão de resultados

Ao comparar as dificuldades sentidas pelos professores e alunos inquiridos no ensino e aprendizagem dos conteúdos históricos, torna-se evidente que a falta de tempo surge como o principal obstáculo transversalmente identificado. Esta limitação, referida pela maioria dos docentes como um entrave a uma abordagem mais aprofundada e significativa da História no 1.º CEB, leva à adoção de ritmos acelerados nas aulas, com o objetivo de cumprir as AE. Por sua vez, os alunos do 5.º ano reconhecem que este ritmo acelerado compromete a sua compreensão dos conteúdos, criando assim um círculo vicioso em que a pressão temporal prejudica a qualidade das aprendizagens.

Apesar desta dificuldade, verifica-se que 11 dos 12 professores inquiridos incluem a História na sua prática letiva, recorrendo maioritariamente a metodologias ativas, por as considerarem mais eficazes e motivadoras. Contudo, entre eles, são ainda poucos os docentes que se mostram disponíveis para envolver os alunos, sobretudo do 4º ano, em projetos de investigação com recurso a pesquisa bibliográfica, uma estratégia que poderia fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia dos alunos, além da familiarização com as metodologias de investigação. A hesitação em adotar esta abordagem poderá estar, mais uma vez, relacionada com a escassez de tempo e com o elevado número de conteúdos a abordar num período letivo reduzido.

O segundo fator apontado pelos professores como um desafio é a dificuldade em motivar os alunos para os conteúdos (Gráfico 6). Quando os alunos não demonstram interesse nas aulas, dispersam mais facilmente e ficam aborrecidos, perdendo a concentração. Como

consequência, partes importantes da matéria – ou até temas inteiros – passam-lhes ao lado, e não assimilam conceitos fundamentais.

Do lado dos alunos, as respostas aos inquéritos demonstram que praticamente todos eles registam a sua experiência na aprendizagem de conteúdos históricos no 1.º CEB e, a partir dela, a maioria revela interesse e curiosidade pelos conteúdos históricos. As dificuldades mais apontadas prendem-se com três aspetos principais: a memorização de datas, a compreensão de vocabulário específico e, de forma particularmente significativa, o ritmo acelerado a que os conteúdos foram lecionados no 1.º CEB. Esta perceção, registada por vários alunos, confirma que o ritmo acelerado na abordagem dos conteúdos compromete a consolidação das aprendizagens e evidencia a necessidade de uma gestão mais equilibrada do tempo letivo.

Apesar destas dificuldades – mencionadas inclusive por alunos que identificaram múltiplos obstáculos –, o interesse e a curiosidade mantêm-se. Contudo, é importante salientar que estas limitações podem gerar problemas futuros, especialmente na transição para o 2.º CEB. Alguns conteúdos do 5.º ano pressupõem conhecimentos base que devem ser trabalhados no 3.º ou 4.º ano, permitindo aos alunos construir uma fundamentação sólida sobre os temas. Se essa base não for consolidada no 1.º CEB, a compreensão dos conteúdos no 5.º ano – que exigem maior aprofundamento e especificação – ficará comprometida.

Também é importante destacar que 12 dos 34 alunos não tiveram uma experiência positiva com os conteúdos de História ou não souberam descrever a sua relação com a disciplina.

Ao analisarmos os inquéritos mais detalhadamente, nota-se que o sentimento do aluno em relação à História reflete, em grande parte dos casos, a forma como encara a disciplina. Por exemplo, seis dos alunos que selecionaram, na primeira do inquérito (Gráfico 8), que a História era uma disciplina que tinham de estudar, sentiram-se confusos (Apêndice 5) ou aborrecidos. (Apêndice 6).

Além disso, a rapidez com que as aulas são lecionadas contribui para que os alunos se sintam confusos, mesmo quando tentam prestar atenção às explicações do professor.

A falta de domínio prévio dos conceitos básicos pode comprometer seriamente as aprendizagens futuras. Esta realidade reforça a importância de um ensino progressivo e

metodologicamente estruturado no 1.º CEB, garantindo que os alunos ingressam no 2.º CEB com os conhecimentos essenciais para uma assimilação eficaz dos conteúdos.

Em relação aos recursos utilizados em sala de aula, não se limitando ao manual escolar, os professores inquiridos procuram diversificar os recursos utilizados, com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas e demonstrar que a História vai além da mera memorização de datas e factos. Através da utilização de vídeos, imagens, mapas, visitas de estudo e atividades de investigação, conseguem captar a atenção dos alunos, estimular a sua curiosidade, auxiliar na melhor compreensão dos conteúdos abordados e promover o gosto pela disciplina, como ficou comprovado nos inquéritos realizados a professores do 1.º CEB (Gráfico 5) e a alunos do 5.º ano do 2º CEB (Gráfico 12).

A análise dos resultados dos inquéritos revela ainda a crescente importância atribuída ao ensino da História como ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, da identidade e da cidadania. Esta valorização vai além da mera transmissão de conhecimentos factuais, refletindo uma conceção da História como disciplina formativa, promotora de competências cognitivas, sociais e culturais.

Na perspetiva dos professores, a História é encarada como um meio fundamental para promover o conhecimento das raízes locais e nacionais, bem como para desenvolver nos alunos uma consciência histórica. As suas respostas evidenciam uma clara intenção de contrariar a visão tradicional da disciplina como um conjunto de datas e nomes a memorizar, privilegiando, em vez disso, estratégias que fomentem a compreensão do mundo e a participação crítica e ativa na sociedade. Esta visão é reforçada pelos dados apresentados na Tabela 1, onde os docentes destacam a utilidade da História na construção da identidade, na valorização cultural e no desenvolvimento do pensamento crítico.

Por sua vez, os alunos veem a História como uma oportunidade de compreender o passado e explorar temas que despertam a sua curiosidade, como a vida das populações antigas, os reis, as guerras, as revoluções ou as tradições. As respostas recolhidas mostram que, quando os conteúdos são apresentados de forma envolvente — através de recursos visuais, atividades lúdicas, visitas de estudo ou projetos de pesquisa —, os alunos demonstram um interesse genuíno pela disciplina. Conforme evidenciado nos gráficos e nas respostas abertas, a maioria associa a História a sentimentos de curiosidade, interesse e entusiasmo,

referindo ter aprendido mais facilmente através de explicações claras, materiais visuais e atividades práticas.

Os dados revelam também que os alunos inquiridos percecionam a História como uma disciplina com relevância social e pessoal, entendendo-a como uma forma de descobrir quem somos, de onde viemos e como o mundo evoluiu até aos dias de hoje. Esta consciência histórica — ainda em construção — manifesta-se nas respostas que valorizam a História como ferramenta para pensar criticamente sobre a sociedade e para se posicionarem como cidadãos informados e participativos (Tabela 2).

No entanto, apesar desta valorização pedagógica, os professores identificam constrangimentos significativos no ensino da História no 1.º CEB, nomeadamente a reduzida carga horária da disciplina de Estudo do Meio e a sobrecarga curricular. Estas limitações, aliadas à falta de recursos adaptados e, em alguns casos, à dificuldade em motivar os alunos, constituem obstáculos à implementação sistemática de práticas mais inovadoras e significativas.

Ainda assim, a articulação entre as práticas dos professores do 1.º CEB e as perceções dos alunos do 2.º CEB demonstra que, apesar dos constrangimentos que registam, é possível transformar a experiência de aprendizagem da História desde os primeiros anos de escolaridade. Quando os conteúdos são abordados de forma contextualizada, próxima da realidade dos alunos, e com estratégias diversificadas, é possível promover não só o gosto pela disciplina, mas também uma compreensão mais profunda do tempo histórico, das dinâmicas sociais e das múltiplas interpretações do passado.

Muitas das respostas dos alunos refletem a forma como participaram nas aulas de História e Geografia de Portugal no 5.º ano do 2.º CEB. Tal como anteriormente referido, quando são abordados conteúdos já introduzidos no 1.º CEB, os próprios alunos demonstram reconhecer essas aprendizagens anteriores, referindo espontaneamente que “já tinham falado sobre isso”. Essa familiaridade manifesta-se numa participação mais ativa e numa maior motivação para a aprendizagem, o que reforça a importância de o professor explorar e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos. Esta prática permite-lhe ajustar as estratégias de ensino, aprofundar ou corrigir concepções e, conseqüentemente, promover aprendizagens mais significativas.

A análise das respostas evidencia ainda um forte interesse dos alunos pelo conhecimento do passado. Revelam grande curiosidade em compreender como se vivia antigamente, questionam sobre objetos, modos de vida e vestígios materiais que ainda persistem, e mostram espanto ao confrontarem-se com as diferenças entre o passado e o presente. Esta capacidade de imaginar e tentar compreender o mundo de outros tempos é notável e constitui um indicador positivo da predisposição dos alunos para o pensamento histórico.

Os dados recolhidos também indicam que, no 1.º CEB, os alunos tiveram acesso a diversos recursos didáticos, os quais não só enriqueceram as aulas como facilitaram o estudo autónomo. As suas memórias estão frequentemente associadas a atividades marcantes como visitas de estudo, utilização de mapas e imagens, bem como a explicações claras dadas pelos professores. Este envolvimento, mesmo perante dificuldades — como a memorização de datas ou a compreensão de vocabulário específico —, não comprometeu o gosto pela disciplina. Pelo contrário, o interesse e a curiosidade continuam presentes no início do 2.º CEB.

Assim, os dados sugerem que a experiência de aprendizagem da História no 1.º CEB desempenha um papel relevante na forma como os alunos encaram a disciplina de História e Geografia de Portugal no 5.º ano. O entusiasmo com que os conteúdos são recebidos, a facilidade com que reconhecem ligações com aprendizagens anteriores e a vontade de aprender mais sobre o passado são indicadores claros de que o ensino da História no 1.º CEB pode contribuir para a construção de uma perspetiva positiva e motivadora face à disciplina no ciclo seguinte. Estes resultados reforçam a importância de uma abordagem articulada entre ciclos, que valorize as experiências passadas dos alunos e promova a continuidade e coerência no processo de ensino e aprendizagem da História.

Considerações finais

O estudo desenvolvido permitiu compreender, a partir da perspectiva de 12 professores e 34 alunos, como o ensino e a aprendizagem da História são realizados no 1.º CEB e de que forma esta experiência influencia a percepção dos alunos no início do 2.º CEB.

A investigação centrou-se na pergunta: 'Que História se ensina no 1.º Ciclo do Ensino Básico?', da qual derivaram quatro questões específicas:

Quanto à primeira questão “Qual a relevância dada pelos professores do 1.º CEB à abordagem ensino da História na sua prática docente?”, os resultados mostram que estes reconhecem a sua importância desde os primeiros anos, valorizando-a como instrumento para o desenvolvimento da identidade, da consciência histórica e do pensamento crítico. A maioria considera essencial que os alunos contactem tanto com a História local como nacional, sobretudo nos temas do 3.º e 4.º anos, alinhados com as AE.

Relativamente à segunda questão “De que forma os conteúdos da História são trabalhados pelos professores do 1.º CEB?”, verifica-se que os docentes privilegiam abordagens ativas, como debates, visitas de estudo e recursos visuais (vídeos, mapas, etc.). Embora todos utilizem materiais complementares ao manual, a escassez de tempo, devido à carga horária reduzida do Estudo do Meio e à densidade curricular, surge como um obstáculo significativo. Ainda assim, optam maioritariamente por estratégias mistas ou baseadas em competências, evitando métodos exclusivamente tradicionais.

No que diz respeito à terceira questão “Quais são as percepções dos alunos do 5.º ano de escolaridade sobre a forma como abordaram a História no 1.º CEB?”, a maioria recorda com interesse os conteúdos históricos abordados no 1.º CEB, destacando temas como o 25 de Abril, os reis de Portugal ou os romanos. Entre as estratégias que facilitaram a sua aprendizagem, mencionam as explicações dos professores, os manuais, trabalhos de grupo, jogos e recursos visuais. Contudo, identificam dificuldades na memorização de datas e nomes, no vocabulário específico e na contextualização temporal dos acontecimentos.

Quanto à última questão “Como é que essa abordagem pode influenciar a perspetiva/relação com a disciplina de História e Geografia de Portugal no 5.º ano?” as experiências positivas no 1.º CEB revelam-se determinantes para a relação dos alunos com a disciplina de História e Geografia de Portugal no 5.º ano. Aqueles que tiveram uma abordagem dinâmica e diversificada mostram maior motivação e facilidade na transição entre ciclos, beneficiando de conhecimentos prévios que potenciam aprendizagens mais significativas.

Em síntese, este estudo confirma que o ensino da História no 1.º CEB constitui um alicerce fundamental para o desenvolvimento do pensamento histórico, da consciência crítica e da identidade cultural dos alunos. Cabe aos professores, às instituições escolares e às políticas educativas o desafio de criar condições que valorizem esta área do conhecimento, investindo em tempo letivo, formação docente e recursos pedagógicos que possibilitem uma aprendizagem significativa e sustentada.

Por estas razões, é crucial que o professor no início do 5º ano do 2º CEB aproveite o interesse e o conhecimento prévio que os alunos trazem do 1º CEB para enriquecer as suas aulas, envolvendo-os ativamente no processo de aprendizagem.

É, por isso, fundamental que os alunos compreendam que os conhecimentos adquiridos no 1.º CEB são um alicerce para as aprendizagens posteriores e que a História não consiste na memorização de datas e factos, mas sim na compreensão de processos e contextos. Deste modo, é possível desconstruir a ideia de que a História é algo para ser apenas memorizado, incentivando os alunos a questionar, analisar e interpretar diferentes perspetivas históricas. No entanto, a falta de tempo é um desafio que ainda prevalece, sendo apontado pelos próprios alunos que um dos obstáculos à compreensão dos conteúdos de História era rapidez de como era lecionado.

As perceções que os alunos desenvolvem neste período irão influenciar significativamente a sua visão sobre as disciplinas que estudarão nos próximos anos. Relativamente aos resultados dos inquéritos por questionário efetuados aos alunos do 5º ano algumas respostas eram previsíveis. O 1.º CEB é uma fase crucial na vida do aluno, pois é nesta etapa que se estabelecem os alicerces para as aprendizagens futuras.

Referência bibliográficas

Legislação

Decreto-lei n.º 55/2018, de 6 de julho. (2018). *Diário da República*, 129, I Série A.

Documentos oficiais

Direção-Geral de Educação. (2018a). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio – 1.º CEB – Estudo do Meio 3.º ano*. Ministério da Educação.

Direção-Geral de Educação. (2018b). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio – 1.º CEB – Estudo do Meio 4.º ano*. Ministério da Educação.

Direção-Geral de Educação. (2018c). *Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal – 2.º CEB – História e Geografia de Portugal 5.º ano*. Ministério da Educação.

Direção-Geral de Educação. (2018d). *Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal – 2.º CEB – História e Geografia de Portugal 6.º ano*. Ministério da Educação.

Bibliografia

Barca, I. (2021). Educação Histórica: desafios epistemológicos para o ensino e a aprendizagem da História. In *Diálogo(s), Epistemologia(s) e Educação Histórica: um primeiro olhar* (pp. 61-68). Editora CITCEM.

Barca, I., & Schmidt, M. A. (2009). A educação histórica como ferramenta para a formação de cidadãos conscientes e críticos. In M. A. Schmidt, S. A. M. Souza, & I. Barca (Eds.), *Educação histórica: teoria e prática* (pp. 11-28). Editora UFRGS.

Barton, K. C. (2024). *O conhecimento histórico*. Associação de Professores de História.

Carneiro, M. T. (2012). *Educação histórica: Teoria e prática*. Editora Contexto.

Dourado, S., & Ribeiro, E. (2023). Metodologia qualitativa e quantitativa. In Junior, C. & Batista, M. (2023), *Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências* (pp. 20). Atena Editora.

Lee, P. (2024). *Educação Histórica*. Associação de Professores de História.

- Ghiglione, R., Matalon, B., Pires, C. L., & de Saint-Maurice, A. (2014). O inquérito: teoria e prática. In Oliveira, E., R. & Ferreira, P. (Eds.), *Métodos de investigação: Da interrogação à descoberta científica* (pp. 112-116). Vida Economica Editorial.
- Moreira, J. M. M. (2001). Ensinar história, hoje. *História*, 3.ª série, 2, 33-39.
- Neira, J. M. (2013). *Materials de didáctica de la història per a educació primària*. Bloc 1: Introducció (versió 1.1).
- Rüsen, J. (2004). *Historical consciousness: Narrative structure, moral function, and ontogenetic development*. University of Toronto Press.
- Solé, G. (2021). Ensino da História em Portugal: o currículo, programas, manuais escolares e formação docente. *El Futuro del Pasado*, 12, 21-59.

Apêndices

Apêndice 1



Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

- ☒ Memorizar datas e nomes.
- ☐ Perceber o significado de algumas palavras.
- ☐ Fazer os trabalhos;
- ☒ A rapidez com que a História foi dada
- ☒ Memorizar as dinastias dos reis
- ☐ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram

Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?

R: *Porque foi muito interessante.*



Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

- ☒ Memorizar datas e nomes.
- ☐ Perceber o significado de algumas palavras.
- ☐ Fazer os trabalhos;
- ☒ A rapidez com que a História foi dada
- ☒ Memorizar as dinastias dos reis
- ☐ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram

Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?

R: *Eu gostei mas lá não era tão divertida
não gosto da época dos reis mas gosto
agora de história*

Apêndice 2



Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

- ☒ Memorizar datas e nomes.
- ☐ Perceber o significado de algumas palavras.
- ☐ Fazer os trabalhos;
- ☐ A rapidez com que a História foi dada
- ☒ Memorizar as dinastias dos reis
- ☒ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram

Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?

R: *Porque ficava com Adria.*



Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

- ☒ Memorizar datas e nomes.
- ☐ Perceber o significado de algumas palavras.
- ☐ Fazer os trabalhos;
- ☐ A rapidez com que a História foi dada
- ☒ Memorizar as dinastias dos reis
- ☒ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram

Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?

R: *É tudo muito fantástico*

Apêndice 3



Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

- ☒ Memorizar datas e nomes.
- ☒ Perceber o significado de algumas palavras.
- ☐ Fazer os trabalhos;
- ☒ A rapidez com que a História foi dada
- ☒ Memorizar as dinastias dos reis
- ☒ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram

Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?

R: *Eu gostei Muito de História porque achei muito
curioso e interessante.*

Apêndice 4



PAULA FRASSINETTI
PROFESSORA DE HISTÓRIA

Qual foi a maior dificuldade que tiveste quando estudaste História no 1º CEB?

- ☐ Memorizar datas e nomes.
- ☐ Perceber o significado de algumas palavras.
- ☐ Fazer os trabalhos;
- ☐ A rapidez com que a História foi dada
- ☐ Memorizar as dinastias dos reis
- ☐ Colocar os acontecimentos no século em que aconteceram

Diz porque gostaste muito/não gostaste de aprender História no 1º CEB?

R: Não sei!

Desculpe professora

Apêndice 5

< 3 de 34 > 🖨 🗑

Não é possível editar as respostas

Inquérito aos alunos do 5º ano

A História é, para ti:

☐ Sem interesse e sem utilidade;

☐ Saber como viveram as pessoas há muito tempo;

☐ Muito interessante

☒ Uma disciplina que tenho de estudar;

☐ Não sei

Estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico?

☒ Sim

☐ Não

☐ Não me recordo

Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:

☐ Aborrecido(a);

☐ Curioso(a);

☐ Indiferente;

☒ Confuso;

☐ Não sei

Não é possível editar as respostas

Inquérito aos alunos do 5º ano

A História é, para ti:

- ☐ Sem interesse e sem utilidade;
- ☐ Saber como viveram as pessoas há muito tempo;
- ☐ Muito interessante
- ☒ Uma disciplina que tenho de estudar;
- ☐ Não sei

Estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico?



- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não me recordo

Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:

- ☐ Aborrecido(a);
- ☐ Curioso(a);
- ☐ Indiferente;
- ☒ Confuso;
- ☐ Não sei

Apêndice 6

< 22 de 34 >



Não é possível editar as respostas

Inquérito aos alunos do 5º ano

A História é, para ti:

☐ Sem interesse e sem utilidade;

☐ Saber como viveram as pessoas há muito tempo;

☐ Muito interessante

☒ Uma disciplina que tenho de estudar;

☐ Não sei

Estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico?

☒ Sim

☐ Não

☐ Não me recordo

Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:

☒ Aborrecido(a);

☐ Curioso(a);

☐ Indiferente;

☐ Confuso;

☐ Não sei

Não é possível editar as respostas

Inquérito aos alunos do 5º ano

A História é, para ti:

- ☐ Sem interesse e sem utilidade;
- ☐ Saber como viveram as pessoas há muito tempo;
- ☐ Muito interessante
- ☒ Uma disciplina que tenho de estudar;
- ☐ Não sei

Estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico?

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não me recordo

Se estudaste História no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentiste-te:

- ☒ Aborrecido(a);
- ☐ Curioso(a);
- ☐ Indiferente;
- ☐ Confuso;
- ☐ Não sei